



Caderno de Literatura

23



70
ANOS
AJURIS

Caderno de Literatura

23

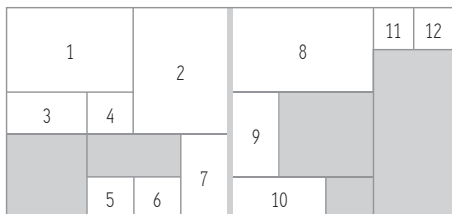
© dos autores

Todos os direitos reservados para AJURIS

Capa, projeto gráfico e diagramação: Imagine Design

Impressão: Gráfica Pallotti

Fotografias da capa:



1 e 10 - Dalvio Teixeira

2 e 9 - Carlos Alberto Etcheverry

3 e 7 - Sidinei Brzuska

4 e 11 - Jorge Adelar Finatto

5 e 12 - Jane Vidal

6 e 8 - Daniel Neves Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Pública do Estado do RS, Brasil)

C122 Caderno de literatura da AJURIS nº 23. / Adair Philippsen e outros. – Porto Alegre : AJURIS, 2014.
140 p.

ISBN 978-85-99620-04-5

1. Literatura brasileira – miscelânea. 2. Literatura sul-rio-grandense – miscelânea. I. Título.

CDU 869.0 (81)-822



Caderno de Literatura

23



70
ANOS
AJURIS

Bem-vindos ao 23 Caderno de Literatura da AJURIS!

Com modéstia, tenho a honra de apresentar a vocês o 23º Caderno de Literatura da Ajuris, que visa aproximar o juiz e os associados da cultura e da arte. Defendo este caderno belo e útil como arte e serviço, como deve ser a cultura, comprometido com valores humanos, livre, capaz de instigar, de fazer pensar e sentir, de divertir e emocionar as pessoas, e não com o monte de vulgaridade que anda por aí, que aliena e animaliza o ser humano, tornando-o uma massa distraída, longe da inteligência e da sensibilidade.

O Caderno de Literatura liga os magistrados à cultura, corrente viva do pensamento. São magistrados que ousam abrir outras janelas de si, permitindo-se ampliar o horizonte, com maior consciência do aqui e do agora, aproximando-se mais da sociedade.

Essa aproximação é fundamental para os juízes, assim como a arte é fundamental para o mundo. Já imaginaram uma sociedade sem a arte? Sem música, sem poesia, sem pintura, sem dança, sem escultura, sem fotografia, sem literatura, sem artistas? E... sem juízes para garantir o direito dos criadores e da criação? Ao fim e ao cabo, sem eles nada teríamos e sem a arte também.

Essa união da Justiça com a Arte só enobrece as duas e fortalece a comunidade em geral. A prova disso é a honrosa participação de nossos artistas convidados especiais que valorizam este trabalho, a quem desde já agradecemos a parceria. Cíntia Moscovich, Cíntia Lacroix e Cláudio Brito tornam este caderno um convite para regalar-se com o livro.

Nosso agradecimento também a todos que participaram desta obra – escritores, toda a incansável equipe da edição gráfica, o professor Leandro Oviedo na revisão e, em especial, o Escritório de Engenharia Joal Teitelbaum, cujo apoio tornou possível a publicação de mais este livro.

Desfrutem desse palco, mais um espaço da Ajuris de incentivo à cultura mediante a publicação dos trabalhos artísticos de convidados e de associados que, de alguma forma, trazem em si algum dom literário, talvez até se inspirando nele para a rotina forense.

Boa leitura!

Jane Maria Kohler Vidal

Vice-presidente cultural da Ajuris

Sumário

ADAIR PHILIPPSSEN

De chalaças, água benta e gatunices | **12**

ADROALDO FURTADO FABRÍCIO

O degolador e a lavadeira | **18**

AFIF JORGE SIMÕES NETO

A tragédia do beijo no coração | **22**

BRAULIO MARQUES

Coautoria | **26**

A testemunha | **29**

CASSIANO RODKA

Voo | **32**

O jogador invisível | **34**

CESAR ANTÔNIO DIAS

Por uma caneta-tinteiro | **36**

CÍNTIA LACROIX

Desacerto | **40**

CÍNTIA MOSCOVICH

Psicopatas à solta | **44**

CLÁUDIO BRITO

Remorso fatal | **48**

DENISE DIAS FREIRE

Sobre a autorrealização | **52**

DURVAL DA FONSECA FRAGA

O naufrágio | **58**

EDUARDO WETZEL BARBOSA

Dança com o vento | **60**

"En attendant" | **62**

EMANUEL MEDEIROS VIEIRA

Filho | **66**

FÁBIO VIEIRA HEERDT

O salto do anjo | **70**

GENACÉIA DA SILVA ALBERTON

Folhas de ouro | **74**

GIOVANA FARENZENA

A cigarra e a videira | **78**

GLADIS DE FÁTIMA CANELLES PICCINI

Viajando de táxi | **82**

HERMANN HOMEM DE CARVALHO ROENICK

Devaneio na madrugada | **86**

Fímbria de luz | **87**

ÍCARO CARVALHO DE BEM OSÓRIO

A dança da alma no palco da vida | **90**

JOSÉ CARLOS TEIXEIRA GIORGIS

O arúspice | **94**

JORGE ADELAR FINATTO

A boneca de trapo | **98**

JOSÉ NEDEL

Última floresta | **100**

LIGIA LACERDA

A barca de caronte | **102**

LUIZ ANTONIO CORTE REAL

Ser juiz | **104**

MAFALDA DOS SANTOS

Despida do teu olhar | **108**

Naufração | **109**

MARCIA KERN

Raros leitores | **112**

MARIA BERENICE DIAS

Tributo ao meu pai: Desembargador Cesar Dias Filho | **114**

NEI PIRES MITIDIERO

Passagem das criaturas | **120**

NEWTON FABRÍCIO

Mulheres | **124**

Meu pai? | **125**

ROSA MARIA WEBER

Recaída | **128**

Recorte | **129**

ROSANA BROGLIO GARBIN

Ajudar os outros | **132**

ROSANE MICHELS

Reencontro | **138**



ADAIR PHILIPPSEN

Juiz de Direito jubilado, integrante do Departamento Cultural da AJURIS.

DE CHALAÇAS, ÁGUA BENTA E GATUNICES *

Sobre o *bureau* de seu gabinete no 3º Posto, para iniciar o perrenque diário, o delegado examina o cartapácio do registro de ocorrências. Com a boca perfumada pelo dentifrício Coralina Fischer e o pincenê preso à saliência de seu nariz romano, vira folha por folha após umedecer o indicador na ponta da língua. Enquanto folheia, convence-se que seu trabalho, doravante, há de concentrar-se em três assuntos que esmigalham seu sossego, pois a carrada de registros se sucede em catadupas semanais. Pela ordem: as gatunices, o trânsito e a adulteração do leite.

Quanto às primeiras, a situação está demais, pois não bastasse o furto de duas finas galinhas no quintal duma casa na Rua Marcílio Dias, ocorreu grande derrama de moedas falsas – e a imitação não é de todo má, já que o tinir dos níqueis é um tanto semelhante ao dos verdadeiros, só distinguindo-se pela diferença de peso. Entrementes, com chave falsa, os gatunos penetraram, na madrugada, na Igreja da Glória e subtraíram 80\$000 de donativos. A que ponto chegamos: nem a igreja escapa. Aliás, ainda há poucas semanas, um grupo de rapazes trocistas pôs anilina nas pias de água benta da catedral e vários fiéis tiveram a face e as vestes manchadas ao se benzerem.

Por falar em rapazes, a mocidade ultrapassou as fronteiras do bom-senso, baldados os esforços do delegado em exemplá-los: num sobrado da Rua Garibaldi – com o perdão do trocadilho, só ocupado por desocupados –, os moradores permanecem nas janelas a observar as casinhas ao redor e, além de atirar pedras, dirigem chalaças às criadas e pessoas dos prédios vizinhos.

E o trânsito? Os problemas com os carroceiros crescem cada vez mais e se resolvem cada vez menos. Houve a greve dos transportadores de cubos assépticos, que se negaram a recolher os excrementos das latrinas das residências. Além deles, os carroceiros encarregados da remoção de lixo desistiram de passar na Rua Laurindo, deixando ao abandono os seus moradores, às voltas com o cheiro fétido da água estagnada nas sarjetas.

Sob qual pretexto o presidente do Estado, Borges de Medeiros (uma fotografia emoldurada da autoridade consta na parede atrás do birô, entre as bandeiras nacional e rio-grandense), concordou em baixar o decreto de suspensão da arrecadação do imposto de indústrias e profissões sobre alugadores ou empresários de carroças e carretas? Deveria era aumentar os tributos!

Sim, as carroças. Sem dar trégua, tomam conta dos registros. A propósito, na Avenida New York, ocorreu o furto de uma delas, carregada de móveis. O cocheiro da carroça nº 103 faltou com o respeito à polícia e restou multado. Uma menor foi ferida no antebraço direito ao ser apanhada por um carroceiro na Rua Fernandes Vieira e, depois, conduzida até a Pharmacia Taborda, onde foi medicada. Quatro desconhecidos assaltaram e queimaram uma carroça da Padaria Portuguesa. Em outra, na Rua Voluntários da Pátria, às 5h da manhã, foi atirado querosene e inutilizados os pães. Antes disso, e na mesma rua, assaltantes derramaram 642 pães na rua, obrigando o condutor a abandonar a carroça e fugir do local.

Carroças, sempre as carroças. Dão mais problemas que os bondes. Ainda outro dia, na Rua Moinhos de Vento, a carroça nº 129, colidiu com o bonde nº 50, resultando feridos os dois animais que a tiravam. Na Praça 15 de Novembro houve outra colisão, entre o bonde nº 97 e uma carroça que resultou com avarias. Também nas proximidades da referida praça, o carro de praça nº 39, da Cocheira Vitale, achava-se postado sobre os trilhos e, como o cocheiro demorou a tirar o veículo dos trilhos, o motorneiro do bonde nº 51 avançou e colidiu com o veículo; o delegado, já cansado de tantos acidentes, ao comparecer ao local e apurar os fatos, mandou recolher o motorneiro ao xadrez; devido ao acidente, o horário dos bondes sofreu atraso e foi grande a aglomeração de curiosos no local.

Não bastassem as carroças, para piorar a turbulência do trânsito, aos poucos aparecem os automóveis. Quem imaginaria que, há poucos meses, três conhecidos seus fossem de carro, no percurso de 14 léguas, para Passo do Chico Lomão, em Santo Antônio da Patrulha, de onde retornaram em apenas 11 horas? Pois agora os veículos se multiplicam. Já há

quem fale em se viajar de carro até Torres, para onde se deslocaram mais de quinze veranistas no último veraneio.

Por causa do trânsito de automóveis, também foi necessário alertar os *chauffeurs* para apagarem as lanternas quando estacionados. O aviso, parece, restou mal interpretado pelo condutor do automóvel nº 152, que foi intimado por andar, em velocidade proibida, a tardias horas, com lanternas apagadas e pessoas que faziam algazarra. Para agravar, o encarregado de acender, naquelas imediações, os combustores de gás da iluminação pública esqueceu-se dessa operação e deixou em penumbra o trecho da referida quadra. Ainda sobre esse assunto momentoso das lanternas dos veículos, impossível esquecer quando os *chauffeurs* declararam-se em greve pelas multas impostas por apagarem as lanternas traseiras dos automóveis, impossíveis de se conservarem acesas devido aos solavancos provocados pelo calçamento, com o que as multas são descontadas dos seus ordenados pelos proprietários dos veículos; com a greve deflagrada, mais de 80 veículos contornaram a Praça da Alfândega, desfilando até a Rua dos Andradas. Isso tudo sem se falar no começo dos abusos, como o dos motoristas presos por conduzirem em vertiginosa carreira.

O delegado encerra o folhear do livro. Sobre a escrivanhinha apanha os bilhetes dos casos para resolver sem tardança. Apruma os óculos, empertiga-se na cadeira e examina o conteúdo de seus escritos. Agiliza o exame. Os olhos, castanhos e redondos, correm com velocidade. Reflete por instantes. O primeiro compromisso da manhã será o de aguardar, para a escolta no desembarque, o vapor que trará do Rio um caixote com 500 contos para o Banco da Província. Concluída essa função, próximo ao meio-dia pretende se deslocar até a casa assombrada, no Arraial da Glória, para investigar por que, altas horas da noite, nela se ouvem fortes ruídos, a ponto de afugentar os inquilinos.

Tira o relógio do bolso do colete, preso a uma correntinha no cós da calça do traje de linho riscado: resta menos de hora para a chegada do navio. Na chapeleira apanha o chapéu de feltro e se afasta, impelido pela vitalidade ainda remanescente no volumoso corpo, prestes a festejar dez

lustros. Sai apressado à rua, a tempo de ouvir o apito do paquete deslizando nas águas do Guaíba.

No turno vespertino, pretende resolver o problema com o leite adulterado. "Esse é um assunto que me exige solução pronta e drástica", repete para si. Um leiteiro, faz poucos dias, foi multado por vender leite com água na proporção de 25%. Outro, vendia na proporção de 30%. Mais outros leiteiros prosseguem em adicionar água ao leite, o que alimenta o zumb-zum das gentes da Capital em prejuízo de sua autoridade. Seu faro de policial lhe dá a certeza de que levará os adulteradores às barras da justiça, não sem antes ministrar-lhes o adequado esporro no xadrez. Para que ao final sejam exemplarmente metidos na Casa de Correção. Para que, na posteridade, nunca mais se repita, em circunstância alguma, esse crime de lesão-consumidor nem se pense em adicionar ao leite qualquer outra substância, seja soda cáustica, seja álcool.

* Os dados referidos no texto foram colhidos na coluna "Há um século no Correio do Povo", correspondente ao período de 5.4.1913 a 26.6.1914, do jornal Correio do Povo. Os nomes dos envolvidos, constantes do jornal, foram omitidos.



ADROALDO FURTADO FABRÍCIO

Desembargador jubilado, ex-presidente do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul; jurista e advogado.

O DEGOLADOR E A LAVADEIRA

Uma das vidas que vivi, talvez a mais venturosa, foi a de piá de estância, contemplando os largos horizontes, os verdes infindáveis, a simplicidade e as delícias do viver campeiro. Andei vastos mundos depois, mas minhas memórias de infância seguem sendo um tesouro. Já taludo, passava na fazenda todos os períodos de férias escolares, dando alguma ajuda no serviço. Entre minhas tarefas, assumia a de levar a roupa suja da fazenda para a lavadeira. Ia a cavalo; a enorme trouxa da semana equilibrada à frente, sobre a cabeceira do arreio, até o rancho da Siá Balbina. (Siá era o tratamento reservado às senhoras dignas de respeito, mas sem importância social suficiente para merecer o fidalgo *Dona*).

Não desgostava da incumbência. A velha lavadeira e o marido, Seu Manuel Grande, apreciavam demais uma prosa e eu tinha genuíno prazer em conversar com eles. Logo depois de obter notícias "dos compadres" (meus pais), ela invariavelmente perguntava se eu e meus irmãos, que estudávamos fora, já havíamos aprendido a ler. Explicar essas coisas de colégio e faculdade seria trabalhoso e provavelmente inútil, poderia ser demais para a cabeça da Siá Balbina. Então, eu respondia que não e ela arrematava o diálogo sempre com o mesmo comentário: "Como demora aprender a ler...".

Eu concordava, pedia licença e ia ter com Seu Manuel Grande. O corpanzil enorme (fazia jus ao apelido) passava os dias aboletado sobre pelegos, à sombra de um velho umbu. Suas pernas entorpecidas não o sustentavam mais; as filhas o levavam até a beira do mato e o instalavam ali ao amanhecer; ali ficava ele até o crepúsculo, pitando seus palheiros. Ao longo do dia, arrastava os pelegos e a si mesmo para lugares mais confortáveis, seguindo o sol ou esquivando-se dele. Nessa solidão, não admira que ficasse feliz quando alguém aparecia para uma prosa e ele podia contar seus causos de "rebulução" – era assim que ele pronunciava a palavra.

Narrava com minúcias as marchas e os combates dos quais participara, mas gostava particularmente de contar as degolas que fizera.

Ou não fizera, pois nunca tirei a limpo suas histórias. Meu pai, que também andara pelas coxilhas em 23, confirmava que Seu Manuel havia peleado, mas não lhe constava que tivesse degolado alguém. O certo é que as histórias do gigante inválido eram coerentes, plausíveis, e eu me inclino a acreditar. Como é comum na idade avançada, a memória dele era boa para fatos antigos, embora lacunosa e vacilante para os mais recentes. E os relatos, pormenorizados e precisos, até onde era possível conferi-los, ajustavam-se aos dados históricos conhecidos.

Perguntei-lhe, em uma dessas charlas, se não tinha remorso das degolas, se não lhe causava repulsa ou horror a lembrança do sangue a escorrer-lhe pelas mãos. Respondeu-me que nas primeiras vezes "repuna' um pouco, mas depois acostuma". Acostuma! Vou duvidar? Nós mesmos nos acostumamos a tantas coisas. Talvez tenha começado a aprender ali, com o gigante arruinado, uma preciosa lição: é preciso sempre avaliar os homens, as coisas e os fatos em suas circunstâncias. Em seu tempo e lugar. Em sua relatividade, que os absolutos são em regra preconceituosos. E resistindo à tentação de medir tudo pelo que nós mesmos somos, ou pensamos ser.



AFIF JORGE SIMÕES NETO

Juiz de Direito. Obra mais recente: *Causos, acontecidos e outros quejandos*. Editora Rio das Letras, 2014.

A TRAGÉDIA DO BEIJO NO CORAÇÃO

A Organização Mundial da Saúde insiste na advertência: beijo no coração causa diabetes e eleva o mau colesterol à altura de São Joaquim. Face ao gravoso comunicado, aviso à sentimental horda de amigos e simpatizantes que, doravante, dispensarei o beijo no coração. Acho, bem do fundo dele, que ainda é cedo pra morrer com os dois ventrículos entupidos de glacê, de marshmallow e merengueinho. É que esse tipo de chupão vem, usualmente, lambuzado de muito açúcar e afeto, composição letal para quem está até aqui de insulina injetada nos arrabaldes do umbigo.

Faço como posso a prevenção. Ao menor sinal da presença do mortífero ósculo baboso, trato de enlonar a minha já dilacerada bomba sanguínea rente às costelas beduínas. Parece que estou vendo a sua carinha de pavor ao ver se aproximar aquele beijo melado, com bafo de leão de circo pobre, mesmo que prenhe dos mais elevados propósitos.

Encontro-me a léguas de distância de dispensar qualquer tipo de beijo, mas, se for endereçado ao coração, peço vênias e salto da carroça. Nem é por mim, mas por ele, bem mais preocupado em cumprir com a sua obrigatória carga horária de bombeamento da seiva rubra do que ser alvo de ultrapassadas homenagens afetivas.

Acho melhor a gente combinar o seguinte, para evitar problemas lá adiante: você me manda o beijo, só ele, limpinho, de preferência bem babado e cheirando a drops de melão, e eu dou ao querido o endereço que reputar conveniente, com distribuição parcimoniosa pelo restante do futuroso cadáver.

O meu fígado, por exemplo, de tão engordurado que anda pelo etanol vagabundo, bem que poderia merecer uma pequena deferência egressa da minha pessoa.

Fico imaginando, também, a alegria dos rins em receber um selinho mandado por boca carnuda de amiga separada, com a recomendação

de que a duplinha aquática não brigue se a oferta for apenas unitária, face às emoções contidas que azaram os elementos da alma.

Não tenho a menor ideia de quem inventou o indesejado beijo no coração. Uns dizem que foi Valdick Soriano, fechando a conta na zona de Cacequi, numa putaria bagual que entrou para a história da Capital da Melancia; outros juram que foi a finada Hebe, quando mateava de mano com a Xuxa lá no Passo, em São Borja. Independente de quem praticou tamanho desserviço ao bobo colorado, só podia estar de porre com graspa da Quarta Colônia. Jamais pensou no trabalhão que aquele laborioso músculo oco terá para se ver livre da carga açucarada e gordurosa que acompanha tão brega expressão de agrado.

Pior que o piegas beijo no coração só aquele cara que tem mania de fazer aspas com os dedinhos quando quer se mostrar irônico. Esse, então, é sócio fundador da Lica (Liga Independente dos Chatos Avedados).

Filho espúrio do casamento de locutor de FM com heroína de novela mexicana, segundo o português Joaquim Ferreira dos Santos, imperdível cronista das coisas urbanas, o beijo no coração é a balofa demonstração de que a cafonice ainda vive, assim como a Elis e o Elvis.

Bueno, e antes do até breve, renovo a pergunta do publicitário Lula Vieira: existe qualquer esperança de encontrar vida inteligente numa criatura que se despede mandando "um beijo no coração"?



BRAULIO MARQUES

Deputado estadual constituinte, desembargador aposentado e advogado.

COAUTORIA

Não sei onde li, mas guardei com curiosa comprovação, que a palavra é a mais poderosa e perigosa das armas. Impérios têm caído mais vezes com discursos do que pelas armas. Outra verdade que ouvi e comprovei é que a palavra depois de pronunciada, como a pedra lançada ao mar e o tempo que passa, não volta.

Aprendi também que na vida o erro é o professor mais eficiente, pois jamais esquecemos a lição que nos ministra. Por isso, antes da inércia para não errar, é preciso errar e errar muito para aprendermos a viver. Claro, estou falando dessa "faculdade da vida", cujas lições não se encontram em livros.

Pois foi o meu desconhecimento de então, do poder das palavras, que me fez, psicologicamente, coautor de dois crimes. Conto, agora, pela segurança da prescrição, pois lá se vão mais de 20 anos e nenhum deles é imprescritível.

Quase que simultaneamente, patrocinava uma separação litigiosa e uma queixa por ameaça. No primeiro caso, atuava em favor da separanda, cuja separação era motivada pelo desregramento social e moral a que tinha se entregue, depois de muitos anos de casados, seu marido, comerciante de sucesso na comunidade. Coincidentemente, tal infortúnio atingiu o casal, na mesma celeridade em que a sua fortuna material prosperou. Dessa experiência tirei a lição de que dinheiro não traz e não compra a felicidade.

Nesse tempo eu também prestava atendimento a um morador da Vila Piola, que registrara ocorrência policial contra um vizinho, pelas constantes "borracheiras" e tumultos criados na vizinhança. Tal iniciativa de meu cliente motivou a mais violenta reação do indivíduo, que passou a ameaçar seus familiares, esposa e crianças, sempre que ele se afastava para trabalhar, já que era guarda noturno de uma empresa estatal. Várias vezes, ao chegar em casa pela manhã, encontrava a família em pânico, pois o vizinho bêbado riscara a porta da casa a facão. Várias vezes o recebi

no escritório para ouvir a mesma história, sem poder oferecer qualquer remédio, a não ser reiterar, à polícia, providências.

Do primeiro caso, minha participação deu-se ao encontrar no Presídio Municipal, por coincidência, já que fora entrevistar um cliente lá recolhido, o comerciante, minha parte adversa, na ação de separação. Mantinha com ele e sua família boa relação e não me furtei de uma conversa quando me solicitou que o visitasse, na cela ao lado. Contou-me que fora preso, naquela madrugada, porque tentara matar um antigo companheiro de farras, que se tornara concorrente desafeto. A título de incentivo para uma mudança de vida, fiz ver que seu comportamento o estava levando para um "beco sem saída" e que, se ele não percebesse a gravidade de sua trajetória, acabaria se matando.

No segundo caso, participei com uma sugestão que era mais uma reprimenda que incentivo. Cedo, no escritório, contou-me o guarda noturno que, naquela madrugada, perdera a oportunidade de pôr fim ao seu suplício, pois encontrara seu malfeitor caído em uma esquina deserta da vila e poderia ter-lhe dado um tiro, alegando legítima defesa ao ter se defendido de uma investida sua. Fiz ver que sempre poderia haver testemunhas e, a título de exemplo, disse que a alegação de legítima defesa seria possível se ele o abatesse quando estivesse o indivíduo dentro de sua propriedade, ameaçando seus familiares.

Essas duas intervenções minhas, talvez mal interpretadas pelos meus interlocutores, ou fruto de meu, então, desconhecimento da força da palavra empregada, motivaram procedimentos que acabaram me vinculando, psicologicamente, como coautor de dois delitos.

No caso do comerciante, após me chamar, mais uma vez, no presídio do qual estava saindo, disse-me que pensara muito na conversa que tínhamos tido dias antes e me comunicou que eu faria o seu inventário em vez de sua separação. Algumas horas mais tarde, naquela manhã, em meu escritório, recebi por telefone a notícia de que o comerciante havia cometido suicídio.

Alguns dias, após tal fato, em uma manhã chuvosa, encontro na porta do escritório, todo molhado, o guarda noturno, que de pronto me

comunica ter matado o vizinho desafeto, em legítima defesa. Forjara ter saído para o trabalho e o abatera quando tentava riscar, a facção, a porta de sua casa, naquela madrugada.

Fiz o inventário do comerciante e absolvi, no Tribunal do Júri, o guarda noturno com a tese da legítima defesa. Depois disso, abster-me, para o resto da vida, de sugerir soluções para os problemas de vida aos meus clientes, a fim de evitar a incômoda sensação de cumplicidade pelas soluções que eles encontram.

A TESTEMUNHA

Meu escritório de advocacia em Alegrete era um ponto de encontro de uma variada "fauna humana" que integrava os mais distintos campos de atividade social. As reuniões informais tinham horários bem definidos: agropecuária, no chimarrão, cedo da manhã; política após, até o meio-dia; chá da tarde, reunindo líderes políticos, artistas, poetas e escritores; e, ainda, *happy hour* com o "mundo jurídico", composto pelo "pessoal do foro", juizes, promotores, advogados e amigos. Isso não impedia, obviamente, que a esses, algumas vezes, se misturasse o pessoal do futebol, das pescarias, dos CTGs, das serenatas e cantorias realizadas na ala social, ao fundo, que pertencia ao Clube Cassino, mas integrava o escritório.

Nesse caldo de cultura, participava de todas essas etapas diárias, servindo chimarrão ou "fazendo sala" aos visitantes, a querida figura de meu amigo Garibaldi Gomes Severo, um dos colaboradores da Imobiliária Parové, anexa ao escritório.

Por essas coincidências da vida, atuei em dois ou três processos dos quais Garibaldi, por ter conhecimento dos fatos, foi arrolado como testemunha. Os maledicentes afirmavam que era bem maior o número de casos.

Dos casos que envolviam "Gariba" como testemunha, o mais interessante deles referia-se a uma justificação para a comprovação de falecimento de uma senhora chamada Senhorinha Amaral, moradora do Caverá, local em que Garibaldi fora subprefeito. Senhorinha Amaral falecera havia bastante tempo, sem atestado de óbito, fato muito comum na Campanha.

Na audiência de justificação, após ter o juiz informado à testemunha do que se tratava, pediu que discorresse sobre seu conhecimento a respeito do fato. Garibaldi, então, relatou que a falecida era sua comadre. Relatou ainda que realmente comparecera ao velório, realizado no interior do município, em uma propriedade da falecida. Nominou alguns presentes na ocasião, pessoas idôneas e conhecidas na região, e terminou declarando que acompanhara o féretro até o cemitério da família.

O magistrado, então, no intuito de arrematar a prova até ali coligida, perguntou à testemunha: "O senhor, então, pode afirmar que Dona Senhorinha faleceu na data e local acima informados?". A resposta de Garibaldi passou a fazer parte dos anais do anedotário forense: "Não, Excelência, isso eu não posso afirmar. Eu afirmo que enterraram minha comadre Senhorinha na data e local acima informados".



CASSIANO RODKA

Escritor, autor de *Partituras*, livro de contos.

VOO

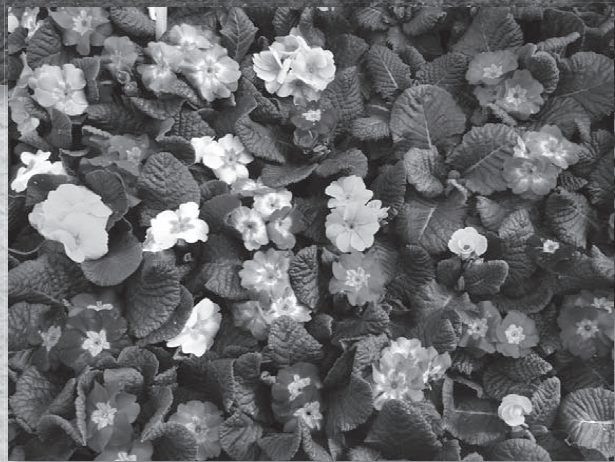
O comandante Néelson saudou a tripulação e agradeceu a preferência pela empresa. Sérgio olhou pela janela e viu o que acreditava ser a sua cidade natal. O comandante logo confirmou, era Porto Esperança à direita do avião, com 28º centígrados e a 1.800 metros de distância. Haveria um sorteio de um kit de alguma marca de refrigerante para quatro poltronas. A sua era 13F, péssimo número, jamais ganharia algo. Tornou a espiar pela janela. Porto Esperança. A essa distância, tão pequenina e inofensiva. Observou as várias linhas que formavam o desenho impreciso da cidade. As ruas por onde andava, os prédios, as luzes, uma composição tão bonita e silenciosa quando vista lá de cima. Abriu a mão direita e observou sua palma. A cidade inteira poderia caber ali. Imaginou os carros passando pelas linhas de sua mão e as pessoas correndo por todos os lados. Cada uma com sua pressa particular. Imaginou os edifícios crescendo de seus poros e podia ver as pontes e os viadutos se formando em sua pele. Viu o palácio do governo quase ao centro, bem próximo à Igreja da Glória. Mais adiante, via a favela do Cachorro Degolado subindo morro acima até a ponta do dedão. Sua casa ficava exatamente onde antes havia uma pinta. Percebeu então que as linhas de sua palma coincidiam totalmente com as de sua cidade e que ele a tinha de fato na mão. Assustou-se com a coincidência e olhou para os lados, desconfiado de que alguém mais pudesse ter percebido tal coisa. O senhor da poltrona E folheava uma revista enquanto a moça sentada na D analisava a aeromoça dos pés à cabeça. Riu de si mesmo. Pensou no absurdo daquela situação. E riu mais uma vez, vagamente, incerto da graça. Tornou a olhar. Na sua palma, a cidade. Fechou a mão.

O comandante Néelson pedia para que todos permanecessem sentados e aguardassem o sinal luminoso para desafivelarem seus cintos. Poucos, além dele, obedeceram. Todos pareciam ter uma enorme ânsia em sair do Boeing 747. "Cada um com sua pressa particular", pensou ele. Ficou um tempo fitando seu punho cerrado, sem coragem para abri-lo. Por entre

seus dedos, enxergava alguns fachos de luz. Olhou pela janela e observou os passageiros saindo. Depois do último degrau da escada, via cada pé tocar o solo e sentia uma coceira na mão. Seguia-os com os olhos e sentia a comichão se espalhando levemente pelo mapa de sua pele. Assustou-se com o toque da aeromoça em seu ombro. Levantou-se com hesitação e pegou sua mala com a mão esquerda. A direita, mantinha firmemente fechada. Desceu a escada e fincou o pé na palma do chão. Olhou para o horizonte e escolheu o seu destino. E partiu, mala em punho, para algum lugar entre o morro da Detença e o dedo indicador.

O JOGADOR INVISÍVEL

Nunca me dão bola, só porque eu nunca faço o gol. Mas eu gosto de jogar. Quando eu visto a camisa do time, sinto ela tatuada no corpo. Meu orgulho é visível. Eu, não. Se estou no time, é porque não tiveram opção. Os bons já haviam sido escolhidos e... cá estou. Mas não estou reclamando, eu gosto de jogar. Eu gosto de toda a função, desde o apito inicial até as gritarias ininteligíveis entre os jogadores. Raramente pego a bola, mas às vezes ela acaba sendo passada para mim. E não há nada como tê-la nos pés. Ficar no controle total da situação por alguns segundos, driblar os adversários, se aproximar do gol e... Ops! Na trave, mas foi perto. O capitão do time fica puto, mas eu não. Eu gosto de jogar. Me concentro no movimento da bola, nos gritos da torcida, nos apitos autoritários do juiz, nos empurrões dos adversários. Falta! Me rio com as reclamações. O jogo segue por muito tempo no zero a zero e o capitão está a mil. Ele quer gol. Quando eu menos espero, vejo a bola chegar – sem querer, é verdade, o centroavante chutou mal – aos meus pés. Levo ela, meio atrapalhado, em direção à goleira, com cuidado, sem vacilar. Sinto a adrenalina do possível gol e chuto com vontade... Ops! Direto nas mãos do goleiro. Eu blasfemo e rio. O capitão, não. O jogo segue com o time fazendo o possível para marcar um gol e me impedir de chegar perto da bola. Para desespero do capitão, eles só têm sucesso na segunda missão. Escanteio, cartão amarelo, reclamações, um gol do adversário, uma chuteira voando longe – é impressão minha ou ninguém mais achou isso engraçado? –, tiro de meta, apito final. Comemoração de uns, angústia de outros. No vestiário, o capitão dá uma bronca na gurizada e deixa o time, esbravejando que teve uma péssima tarde. Mas eu não. Eu gosto de jogar.



CESAR ANTÔNIO DIAS

Engenheiro civil e eletricitista. Diretor da empresa DM7 Engenharia.

POR UMA CANETA-TINTEIRO

Finalmente o edital para o concurso de Juiz de Direito foi publicado.

Nos idos de 1942 só havia concurso quando se aposentava algum desembargador, sendo que à época não havia limite de idade para permanecer no cargo. Daí a ansiedade do Juiz Municipal de Alegrete, cargo temporário exercido por indicação do governador do Estado e que não oferecia qualquer garantia.

Por isso ele precisava se dedicar de forma intensiva.

O tempo foi passando e ele se preparando e estudando cada vez mais para ter sucesso no concurso. O objetivo era um só: ser Juiz de Direito, como seu pai.

Agora era oficial, a data para a realização da prova escrita estava marcada.

Ele pegou um trem da Viação Férrea e viajou para Porto Alegre. Uma viagem que, quando não atrasava, durava um dia e uma noite.

Chegando à Capital, encontra vários colegas de faculdade, passeia pela Rua da Praia, Galeria Chaves e Chalé da Praça XV.

Está tranquilo, confiante e bem preparado. Eram seis candidatos e havia três vagas.

Ao dar uma última olhada no edital, viu a seguinte exigência:

– As provas devem ser feitas com caneta-tinteiro.

O Juiz do Alegrete não só não tinha caneta-tinteiro como também não tinha condições de comprar uma. Naquela época, ainda não existiam canetas esferográficas e uma caneta-tinteiro era como uma joia cara e somente poucos tinham condições para adquirir uma.

Não teve êxito em obter uma caneta, ninguém da família possuía, e os amigos a quem recorreu também não.

Efetuar a prova usando uma caneta bico-seco (aquela que se mergulha a pena de metal em um tinteiro e se consegue escrever duas ou três palavras) estava fora de cogitação. O rendimento da escrita era muito baixo, o que não permitiria colocar no papel todo o seu conhecimento no tempo aprazado.

A solução era efetuar a prova usando o chamado lápis-tinta.

Na hora aprazada, tem início a prova. Um desembargador integrante da Comissão de Concurso formula as questões a serem desenvolvidas pelos candidatos, bem como informa o tempo limite.

O Juiz do Alegrete tinha bom conhecimento dos pontos que caíram e começou a escrever, escrever, escrever.

Chegou a solicitar mais papel, pois ainda tinha muito a escrever.

Findo o tempo, na hora que o Juiz do Alegrete entrega a prova, um dos desembargadores da banca, sentencia:

– Não aceito a prova desenvolvida pelo candidato, uma vez que ela não respeita o edital, que é bastante claro: deve ser usada caneta-tinteiro.

O Juiz do Alegrete argumenta que usou lápis-tinta e, como o texto assim grafado não permite alterações ou supressões, a prova deve ser aceita.

O desembargador mantém sua posição, de que o edital tem de ser respeitado.

Neste momento outros desembargadores integrantes da banca, tomando conhecimento da controvérsia, se aproximam. O Juiz do Alegrete continua, com veemência, defendendo que a prova é válida. Entre os participantes da banca não há unanimidade, sendo que alguns consideram que a prova pode ser aceita.

Formado o impasse, o Juiz do Alegrete solicita que a prova seja aceita condicionalmente, e que a Banca Examinadora decida sobre ser aceita ou não.

Acolhida a sugestão, a prova é entregue.

O Juiz do Alegrete volta para a sua cidade e aguarda o desfecho do caso.

Depois de alguns dias é informado que três desembargadores votaram pela não aceitação da prova, outros três a aceitaram e consideraram que o candidato teria o primeiro lugar.

Em face da falta de consenso, a questão foi encaminhada ao então Tribunal de Apelação.

A solução foi salomônica:

– A prova não podia ser aceita, uma vez que não atendia ao edital. Mas foi reconhecido que o candidato havia realizado excelente prova e demonstrado grande conhecimento jurídico.

Em face disso, o concurso foi anulado.

O Juiz de Alegrete continuou a se preparar para prestar novo concurso e apertou mais ainda o orçamento doméstico para comprar uma caneta-tinteiro.

Saiu o novo edital, e o candidato foi para Porto Alegre, levando na bagagem a caneta-tinteiro.

No dia da prova, um desembargador o aguardou na entrada do Tribunal e o presenteou com uma caneta Parker 51.

Algum tempo depois, saiu o resultado das provas escritas, e os candidatos aprovados deveriam individualmente ser submetidos a uma prova oral, perante o Tribunal.

O Juiz do Alegrete tirou novamente o primeiro lugar, sendo nomeado para a comarca de Santiago.

O desembargador que lhe deu a caneta era La Hire Guerra, presidente do Tribunal de Apelação, e o Juiz do Alegrete, o meu pai: César Dias Filho.



CÍNTIA LACROIX

Procuradora da Fazenda Nacional, na Advocacia-Geral da União. É autora do romance *Sanga menor* (Dublinense, 2009), indicado como finalista no Prêmio São Paulo de Literatura 2010, categoria Melhor Livro do Ano – Autor Estreante.

DESACERTO

Mãos apoiadas sobre o tampo de granito, torso inclinado para frente em cuidadoso ângulo, Noêmia cuspiu. Um segundo depois, o ralo deveria responder com o estalo oco de todas as manhãs, mas ficou mudo. Contraindo os lábios sujos de branco, ela forçou a unha contra o cabo da escova de dentes: acertar aquela circunferência bem no centro era uma destreza cara à sua paz de espírito. Vendo que a espuma de mentol e sálvia começava a descer lenta pelo côncavo da pia, tratou depressa de enxaguar o acontecido. E nem lhe passou pela cabeça que houvesse, para aquele erro de pontaria, uma explicação perturbadora.

Foi só depois, quando recolocou a escova no copo de plástico e fechou a portinhola do armário à sua frente, que tudo se esclareceu. Ali estava, devolvido pelo reflexo do espelho, o seu rosto. As dobras do lençol tinham deixado desenho sobre uma das bochechas, e as negociações com o travesseiro haviam entortado em zigue-zague a divisa muito exata dos cabelos, mas o que realmente chamava a atenção não era isso. Impresão sua? Noêmia aproximou-se mais, depois se afastou, tornando então a aproximar-se. Mas seria possível? Voltou a abrir o armário e, apanhando o colírio, inundou os olhos com gotas que tremiam, e o teto do banheiro só parou de movimentar-se quando o conteúdo do frasco enfim secou. Recuperada da piscacão, ela arrumou coragem e inquiriu de novo o espelho. Entretanto, o fato era aquele: seu olho esquerdo apontava numa direção ligeiramente outra em relação ao seu olho direito. Deus, mas o que lhe teria acontecido? Tratava-se, é verdade, de um desacerto sutil, coisa de milímetros, mas o suficiente para conferir ao olhar um quê de hospício.

Desesperada, pôs-se a esfregar os olhos com uma força de arrancar as pestanas todas. Depois, espichou um e outro como se quisesse rasgá-los de tão chineses e, sem dar-lhes tempo para recuperação, arregalou-os corujamente, repetindo a ginástica umas quantas vezes, em crescente velocidade. Quando os movimentos já se atropelavam, teve a ideia de envesgar

os olhos até que doessem, logo após subindo-os ao ponto de branquearem por inteiro. Inútil, nada fazia com que se reconcilhassem. Era como se, após um longo matrimônio, houvessem decidido pelo divórcio. Já nem seria correto referir-se a eles como um par de olhos: estavam ímpares, cada qual para o seu lado.

Um tumor no cérebro – só podia ser essa a causa do repentino desvio. O neurologista, contudo, após interpretar os exames que Noêmia fez questão de repetir, garantiu que sua cabeça não hospedava neoplasma algum. Mais do que isso: tirando devagar os óculos, o homem voltou a dizer o que já dissera na primeira consulta, ou seja, que ele não detectava nos olhos de Noêmia o tal desacerto. Possivelmente, o que a trouxera ao consultório não passava de uma percepção só sua.

Sem poder conformar-se, ela marcou hora no oftalmologista, que chegou ao ponto de usar régua e compasso, tudo para convencer a paciente de que nenhum de seus olhos estava fora de prumo. Não se deu por vencida. Está bem que o desvio fosse leve, mas existia, tanto que ela, inclusive, já notara prejuízos à visão e citou, a título de exemplo, o episódio do cuspe fora do ralo. Vendo que o doutor coçava a barba, esclareceu: campos visuais diferentes.

A ideia de que cada um dos seus olhos enxergava realidades não exatamente iguais passou a dominar-lhe os pensamentos. Não queria, de modo algum, ter uma visão equivocada das coisas e era óbvio que, estando os olhos em dissintonia, um atrapalhava o outro, mandando para o cérebro mensagens talvez conflitantes. Agoniou-se. A solução, porém, não tardou a acudir: fechar aquele olho desviado – eis aí como evitar que causasse estorvo ao outro. De lambuja, a medida pouparia desconforto às pessoas, pois nada mais incômodo do que encarar uma criatura zarolha.

Assim, do dia seguinte em diante, fosse no escritório, no supermercado, pela rua ou mesmo dentro de sua própria casa, Noêmia passou a ostentar sobre um dos olhos um reforçado curativo. As dobras da gaze garantiam absoluta escuridão, e o aperto do esparadrapo encarregava-se, com um impiedoso xis, de imobilizar a menor tentativa de levante da pálpebra.

A quem perguntasse – estava tudo ensaiado – ela diria tratar-se de machucadura, o que não seria de todo invenção. De fato, havia momentos em que uma dor brotava aguda lá do fundo daquele olho sufocado. E, pensando bem, não era de estranhar. Embora o esquerdo parecesse oblíquo em relação ao direito, a verdade é que o mesmo se poderia dizer do direito em relação ao esquerdo. E Noêmia, em meio a palpitações e suores, as rugas ganhando profundidade em sua testa, via-se obrigada a admitir: nada excluía que estivesse tapando o olho errado. Ou melhor, o certo.



CÍNTIA MOSCOVICH

Escritora, jornalista e mestre em Teoria Literária, tendo exercido atividades de professora, tradutora, consultora literária, revisora e assessora de imprensa. Dentre vários prêmios literários conquistados, destaca-se o primeiro lugar no Concurso de Contos Guimarães Rosa, instituído pelo Departamento de Línguas Ibéricas da Radio France Internationale, de Paris, ao qual concorreu com mais de mil e cem outros escritores de língua portuguesa.

PSICOPATAS À SOLTA

Logo depois de o país receber a notícia da queda do avião que levava o presidenciável Eduardo Campos e sua equipe, uma jornalista amiga se queixou da estupidez de alguns comentários que caçoavam da morte do ex-governador de Pernambuco. Outro jornalista, Leandro Sakamoto, que tem um blog muito acessado no UOL, logo postou um texto que trazia a mesma indignação com gente que lamentava a morte do "político errado", que insinuava que Dilma ou Aécio seriam responsáveis pelo acidente ou que se diziam satisfeitos, porque se tratava, afinal, de "só mais um político".

(Antes de prosseguir, que fique claro: não sou ou fui ou serei eleitora de Campos nem de Marina Silva. Sigo.)

Tragédias como essa costumam despertar nas pessoas comoção e solidariedade. É bom que assim seja, porque uma marca de saúde mental é justamente a capacidade de empatia com o sofrimento alheio. O princípio é simples: o reconhecimento do outro leva à percepção da própria individualidade, e a compreensão de seu sofrimento é o momento de reconhecer, em todos, a instabilidade da condição humana. Agir fora desse script demonstra, se não uma psicopatia sádica, pelo menos o embrutecimento das relações e a penúria a que se reduziram os sentimentos essenciais. Desrespeitar o luto é não respeitar a própria morte.

Não que as piadinhas com a morte de Eduardo Campos cheguem a surpreender: o que tenho visto de barbaridades é estarrecedor. Iniciando por desdém e zombarias relativos a paciente oncológico, passando por xingamentos e pichações racistas e antissemitas, o que me tocou de maldade no mundo sugere que há um caldeirão de ódio borbulhando, uma sopa de inveja e recalque que faz com que muitos se revelem monstruosos. Se o objetivo da educação é que o indivíduo viva em sociedade e não ceda aos instintos e pulsões básicas, então a educação falhou: o mundo anda cheio de neandertais cujo grande argumento é o tacape.

No caso de Campos, alguns tentam salvar a pátria dizendo que as reações engraçadinhas se devem ao "cansaço com os políticos" ou que as piadas servem para amenizar o drama. Nada disso é verdade, simplesmente porque nenhum tipo de cansaço autoriza a zombar da morte e porque o humor, aquele que alivia, é a expressão máxima da inteligência e não do barbarismo. Até prova em contrário, todos aqueles a quem falta empatia e respeito pelo sofrimento do outro estão condenados à falta de transcendência, de piedade e de amparo.



CLÁUDIO BRITO

Promotor de Justiça aposentado e jornalista.

REMORSO FATAL

- Alô, doutor, não precisa mais estudar... não tem júri algum amanhã.
- Como assim? Estarei lá às nove horas.
- Será cancelado. O acusado morreu.

Era madrugada, horas de calma, tempo adequado para a última leitura de peças fundamentais em vésperas de julgamentos. O promotor não queria acreditar no que lhe anunciava ao telefone o administrador do presídio da pequena comarca onde o réu estava recolhido desde a prisão em flagrante. O processo que ele cuidou por inteiro, desde a denúncia, não poderia terminar pela extinção da punibilidade pela morte daquele que, um ano e meio antes, matara a tiros a ex-esposa. Então, a pergunta:

- O que houve? O que fizeram com ele? Aprontaram uma pesada aí na cadeia...

- O que é isso, doutor? O senhor nos conhece. O homem morreu de morte morrida. Dormiu, apagou. Antes, na janta, disse que não lhe daria o gostinho da condenação. Recolheu-se e está morto na cela, como se apenas dormisse. Não tomou nada, não se enforcou, decidiu que ia morrer e morreu. Juro por tudo que é mais sagrado. Foi durante a ronda de costume que, não respondendo à chamada, aquilo despertou a atenção do agente que, entrando na cela, constatou o que acontecia. Veio o pessoal do hospital e agora é o IML que está aí. Simplesmente morreu.

O promotor recusara promoção, só para não deixar de levar à condenação aquele réu. As circunstâncias do fato eram inusitadas. Primeiro, esperando na saída da fábrica em que a mulher trabalhava, deu-lhe dois tiros à queima-roupa. Fugiu. A vítima foi levada ao hospital, passou por cirurgia e estava sob os cuidados dos enfermeiros da UTI, na mesma noite em que tudo acontecera. O matador não desistira. Entrou furtivamente no hospital e, na UTI, terminou a tragédia. Atirou mais duas vezes para matar sua antiga parceira, no leito hospitalar, ante o olhar estupefato de uma atendente. O matador entregou-se ao guarda, que, atraído pelos disparos,

chegou ofegante aos pés da cama em que a mulher fora a mais indefesa das vítimas.

Foram cinco ou seis audiências de instrução, uma reprodução simulada dos fatos, levantamentos, laudos e, pela brevidade que a prisão provisória recomendava, a sentença de pronúncia. Recorrida, restou confirmada, com toda a carga que o promotor imprimira à denúncia e às alegações. Autoria, materialidade, qualificadoras e nenhuma chance de exclusão de ilicitude. Era o tempo dos libelos. O promotor desdobrou sua acusação nos artigos de um libelo contundente. Já ensaiava o trabalho de plenário:

"Por libelo-crime acusatório, diz o Ministério Público como autor, contra o réu.... e sendo necessário provará..."

Em suas noites de preparação, o acusador antevia uma sala repleta, que a comunidade estava chocada com aquele assassinato bárbaro e covarde. E a reação dos jurados às palavras mais fortes que haveria de empregar em sua peroração ou na réplica. Conhecia a cada um dos 21 cidadãos que o sorteio apontara. Como sempre fazia, não usaria a chance das recusas imotivadas. O destino formaria o grupo dos sete julgadores. O promotor tinha certeza de que os votos afirmativos aos primeiros quesitos seriam unânimes e a condenação seria apenas a chancela ao que postulava desde a inicial ao libelo. No fórum, todos os dias, só ouvia comentários que o favoreciam:

– Então, no júri do matador do hospital é só ler o libelo e sentar para ouvir o veredito condenatório? Não lhe parece?

Seus alunos, na Faculdade de Direito, organizavam caravanas para assistirem o julgamento. Era mesmo um quadro desenhado para o sucesso da tese do Ministério Público. E agora, a trágica notícia. O réu estava morto.

Dias depois, chamado pelo mesmo administrador que o avisara do falecimento do acusado, o promotor foi à cela em que estivera recolhido o réu. Em um canto, debaixo do catre, um caderno e muitas folhas de cartolina. Lápis de cera, pincel atômico, canetas e muitos lápis pretos, tudo amarrado por elásticos, mais uma caixa de sapatos, cheia de fotografias. Em todas as cartolinas, rabiscados com esmero, retratos da mulher que

ele matara e jurava ter amado. As fotografias eram todas com ela. Lembranças do casamento, nascimento da filha, aniversários e tudo aquilo que todos guardam para curtir ao longo da vida familiar. Aquele material seria entregue à adolescente que restara agora na orfandade plena, pai e mãe mortos de forma tão avassaladora, em tragédia que bem poucos autores imaginariam engendrar.

No caderno, anotações diárias. A primeira delas tinha a data do crime. Depois, longos textos apaixonados, sofridos, cheios de remorso e desespero. E muito ódio contra autoridades, especialmente o promotor, referido naquelas páginas como o "carrasco que quer me ferrar". Adiante, quando o diário apontava que o júri aconteceria, o espantoso recado: "Este promotor está muito enganado. Não vou dar o gostinho pra ele. Vou morrer antes de me condenarem". E morreu. De morte morrida, como assegurou o laudo dos legistas. Um suicídio debitado exclusivamente à vontade de morrer, à força de um pensamento fixo, voltado à ideia de "não dar o gostinho ao promotor". E, mais importante, como resultado de vigílias infundáveis no escuro da cela, quando apenas chorava seu remorso. Vários de seus textos confessavam a causa do seu desespero. O remorso fatal.

E o promotor, com larga experiência de mais de 800 julgamentos, perguntado, responde até hoje: "Qual o júri inesquecível em toda a minha carreira?". O júri que não aconteceu, porque o remorso do réu foi que o condenou, poupando do trabalho os jurados, advogados, juiz e promotor. Nunca se viu outro caso parecido, em que alguém tenha deliberado a hora da própria morte sem qualquer ato que a tanto o levasse. Envenenou-se com o remorso e dormiu.



DENISE DIAS FREIRE

Juíza de Direito da Comarca de Arroio Grande, Rio Grande do Sul.

SOBRE A AUTORREALIZAÇÃO

*Cada um sabe a dor
E a delícia
De ser o que é.
(Caetano Veloso)*

Meu caro amigo

Interessante a teoria que me apresentastes sobre a pirâmide de Maslow¹. Aprender coisas novas com pessoas novas sempre enobrece. Diz-se que a diferença de um indivíduo, de um ano para outro, se mede pelos livros que ele leu e pelas pessoas que ele conversou. Segundo entendi, a hierarquia de necessidades de Maslow, também conhecida como pirâmide de Maslow, é uma divisão hierárquica em que as necessidades de nível mais baixo devem ser satisfeitas antes das necessidades de nível mais alto. Cada um tem de "escalar" uma hierarquia de necessidades para atingir a sua autorrealização.

Permita-me dividir contigo algumas reflexões sobre a tal teoria, se isso for possível – ou seria ela um dogma posto e, em assim sendo, insuscetível de discussões a respeito? Assim me pareceu quando eu tentei dar interpretação diversa a uma das fases. Bem, se assim for, melhor seria tu me não teres apresentado a tese, pois eu não sou adepta das coisas postas. Se não as posso questionar, melhor nem as conhecer. O mundo é movido pelas indagações – numa visão simplista, pela eterna dialética de Marx. Da tese e da antítese nasce a síntese.

Enfim, tenha eu não ou não o direito de dizer qualquer coisa, di-la-ei, pois, afinal de contas, "o papel aceita tudo", como diz o ditado.

¹ Pirâmide das necessidades humanas, segundo a qual as necessidades fisiológicas precisam ser saciadas para que se busque saciar as necessidades de segurança. Estas, se saciadas, abrem campo para as necessidades sociais, que se saciadas, abrem espaço para as necessidades de autoestima. Quando todas as necessidades estiverem de acordo, abre-se espaço para a autorrealização, que é um aspecto de felicidade do indivíduo.

Tenho que a pirâmide não expressa com perfeição as necessidades de um ser humano. A figura que me parece refletir com mais exatidão a busca da autorrealização seria o círculo, ou melhor, círculos. Círculos concêntricos, convergentes para um mesmo ponto. Ou, ainda, círculos vários, com várias intersecções entre si, cujo conjunto forma um todo maior. Cada um deles representaria uma das esferas do ser humano – ou uma das suas necessidades, como quer Maslow –, a segurança, a saúde, o emprego, a estabilidade, a estima, o lado espiritual, emocional, o reconhecimento, o amor, etc.

Nessa forma de representação, fica clara a ideia de que o ser humano não é uma coisa só – nem só intelecto, nem só corpo, nem só alma, nem só emoção, nem só paixão. É um plexo de necessidades várias, que precisam ser saciadas, na *medida* do possível, na mesma *medida* – a harmonia de todas as esferas, igualmente preenchidas, coloridas, mesmo que em parca medida, mas de forma uniforme. Aí a completude de todas as necessidades, pressuposto para a autorrealização na ótica do filósofo em questão.

Os seres humanos são multifacetários, caleidoscópicos, complexos, fluidos como a água, maleáveis e dúcteis como o ouro. Não estáticos, como os degraus de uma pirâmide.

A divisão em faixas dá a ideia de que é necessário completar uma antes de passar a outra; que uma deve estar repleta e, ao transbordar, vai preenchendo a imediatamente superior. E mais – que elas obedecem a uma hierarquia, uma escala de importância, que não pode ser desrespeitada. Daí justamente a figuração da pirâmide – uma base maior dando suporte a outras menores, sendo a do topo, a par de mais diminuta, a mais importante – quer por ser a última a ser alcançada, quer por ser a que encerra e coroa toda a obra.

Voltando da geometria à psicologia – a vida é justamente o oposto disso. Os anseios de um ser não seguem uma ordem lógica de prioridades – ao menos não a lógica daqueles que de fora observam. Cada um pode ter a sua lógica pessoal, que não obedece aos padrões preestabelecidos pela sociedade. Não se pode, então, dizer que, para a autorrealização, é neces-

sário primeiro saciar tais e tais necessidades. Somente para exemplificar, há quem primeiro encontre um grande amor e depois encontre abrigo e segurança, invertendo a primeira e a terceira faixas. O exemplo é assim simplista mesmo.

Outro aspecto a ser levado em conta é que as necessidades não são as mesmas para todas as pessoas. As coisas que são de suma importância para uns não assumem nenhuma relevância para outros. Daí a beleza da diferença. Assim, é falha toda a construção – a dele e a minha.

Não é necessário cumprir as escalas da pirâmide para a autorrealização. Tampouco é necessário preencher de forma igualitária todas as esferas. Pois cada um sabe o que é mais importante para si. Para tal aspecto, dará mais ênfase; e isso, sim, o levará à realização plena. Nisso eu acredito. Que a realização se faz por uma construção pessoal. Deste modo, desconstruo tudo o que foi dito acima.

O difícil é aceitar que algumas pessoas podem alcançar a plena realização de forma que, para nós, são inconcebíveis. Que não se encaixam nos *nossos* padrões de felicidade. Que destoam dos nossos paradigmas preconcebidos. Esquecemo-nos de que a realização é de cada um, que não há norma padrão. Ninguém pode se julgar no direito de apontar o dedo e dizer que aquele ali não pode ser feliz daquele jeito. "É impossível!"

Tudo é possível, se partirmos da premissa que as pessoas, por diferentes que são, têm escalas de prioridades diferentes. Mais nos escandalizamos quanto mais essa escala é invertida em relação àquela que temos por padrão. E não se diga "o padrão da sociedade", pois esse conceito também construímos conforme nossa conveniência para o momento.

Para a maioria das pessoas, o amor ocupa lugar de relevância na escala de necessidades de Maslow. Como se dali não se pudesse passar antes de encontrar o tão sonhado amor. E a única leitura que se faz deste degrau, que é bastante abrangente, que o desejo é de encontrar o amor romântico. Por exemplo, quando alguém escolhe uma profissão, que não concede tempo suficiente para se dedicar ao amor – e à família, via de consequência – costuma-se afirmar que eles "não têm qualidade de vida".

Como se a qualidade de vida passasse necessariamente por ter uma família ou, mais que isso, por dedicar mais tempo à família que à profissão.

Aqui falo em escala de prioridades. Em hierarquia de valores. Não se pode tomar os valores de cada um como absolutos, como verdades universais, a pautar a vida alheia. Por absurdo que nos pareça, as pessoas podem ser e pensar diferente de nós.

Assim, meu amigo, temos ainda muito que pensar e repensar sobre o que conduz as pessoas a se sentirem felizes, feliz como me sinto ao debater contigo o direito que cada pessoa tem de buscar a realização de seus sonhos.

Preciso te confessar que o ingresso na magistratura foi a realização do meu maior sonho.

E por falar em magistratura, me despeço com uma frase da minha mãe: fica com o meu afeto.



DURVAL DA FONSECA FRAGA

Supervisor do escritório da companhia de cigarros Sousa Cruz em Porto Alegre – setores jurídico, contabilidade e finanças. Curso de pós graduação na Escola Superior de Magistratura. Fiscal do ICMS. Autor de artigos publicados na Revista AJURIS. Coautor do manual *ICMS dos Municípios*. Juiz de Direito inativo do Rio Grande do Sul.

O NAUFRÁGIO

Assim como num naufrágio
Meu barco soçobrou
O teu Não como um recife
O casco com estrépito rasgou

Já ali no primeiro impacto
Um Não antes inferido que ouvido
As madeiras quebraram-se no ato
De um sistema nervoso já sofrido

A dor como água invadia
Lágrimas ocupavam cada fresta
De minhas fraquezas ora via
Subir a linha d'água na hora esta

Quebra-se, enfim num estalo
O mastro como meu ferido
Coração e as madeiras do abalo
Submergem restando-me perdido

A tua imagem já descansa
Vejo-me só desamparado
A nadar carecendo da esperança
De outro coração apaixonado



EDUARDO WETZEL BARBOSA

Procurador de Justiça aposentado, advogado e autor de *Belladonna, a droga da paixão*, ed. Movimento, 2011.

DANÇA COM O VENTO

Surpreendi a cena por acaso. Estava de férias, era verão. Acabara de estacionar em frente de casa e arrumava a lona de proteção do bagageiro da camionete com dificuldade, pois o vento sul estava muito forte naquela tarde litorânea. Enquanto lidava, percebi o movimento da moradora da frente em seu jardim. Andava com passos leves de um lado para outro, ocupando-se com pequenas tarefas; vestido claro, de saia rodada e solta, tremulando com o sopro do vento. Sua atitude capturou-me a atenção imediatamente. Normal seria que se protegesse da incômoda ventania, buscando abrigo dentro de casa ou no resguardo da varanda. No entanto, parecia bem à vontade, deliciosamente livre. Arriscaria dizer que estava sentindo prazer em se movimentar ao vento.

Entrei e acomodei-me diante da janela do quarto, de onde podia continuar observando a cena com mais discrição. Ela continuava lá fora, onde parecia dançar com o vento. Agia com graça, com gestos quase compassados. Ora trocava de lugar o esguicho d'água para molhar a grama, ora tirava folhas secas de uma touceira de manjerição, no canteiro do meio.

Peguei o binóculo. O bom das férias é ter-se tempo para gastar. Seus rodopios logo atravessaram minhas lentes e o foco nos aproximou fantasticamente. A imaginação me permitia captar pequenos ruídos que ela produzia e até sentir uma música no ar. Mas, na realidade, ouvia apenas o rufar do vento. Entretanto, nós sabíamos que ela dançava. Ou melhor, eu sabia. Será que ela contava com minha intromissão? Seguiu no seu ritmo.

O vestido era doido, sacudia para todos os lados, num sobe-desce interminável, qual biruta agitada. Ela não se incomodava com isso. O tecido subia, subia mais e mostrava as pernas, as coxas, as polpas. Ela parecia excitada com a liberdade da saia e favorecia a flutuação da roupa, que não parava de voar. Abaixava o tronco e a roda do vestido obedecia ao vento, exibindo as ancas livres, belas, bem torneadas. A calcinha branca cobria

minimamente o sexo. O sol da tarde dava um tom dourado à pele clara. Por vezes, o vestido subia-lhe até o alto das costas. Nenhum gesto era feito para impedir a contradança da saia.

Era um espetáculo e tanto! Havia um ritual em seus movimentos, uma cadência ingênua em sua conduta, como se estivesse movendo-se ao compasso de uma cantiga da memória, em um bailado doce, sensual. Jamais saberei se ela me viu, pois não dirigiu nenhum olhar para a plateia privada, que estava na janela do outro lado da rua.

Assim, o tempo consumiu a tarde sem alardes. De repente, em um último ato, de costas para mim, ela curvou-se, mãos rentes ao chão, segurando a mangueira, para tirar a areia dos pés. O vestido correu solto, moldurando a curvatura do corpo, em toda a extensão do dorso, expondo a bailarina inteira, na sua nudez. E, ao descer novamente o pano, ela encaminhou-se, elegante, para a varanda, passou pelo vão da porta e sumiu dentro de casa. Não voltou mais.

Tive ímpetos de aplaudi-la, mas logo me contive. Dos outros cômodos da casa, as pessoas poderiam ouvir-me e não saberia como explicar. Falei baixinho: "Bravo! Bravíssimo!". Ela não podia escutar. Saí do meu posto de observação e fui juntar-me aos meus familiares.

Nessa noite, da quarta-feira de cinzas, preparei um peixe ensopado para o jantar. Lembrando da dança com o vento, peguei umas folhas de manjerição de um vasinho sobre a janela, muda que ganhei da vizinha da frente.

“EN ATTENDANT”

À espera, eu vivo...
De levantar, sem perturbar teu sono,
Que despertes logo a luz da manhã,
Que o aroma do café te chame à mesa,
Com tudo pronto para te servir
E cobrir teus lábios com
Um beijo terno de um bom dia doce.
Aguardo um tempo... de rezar contigo,
Louvor pelo dia que te traz tão nova,
De dizer-te coisas que o labor suscita,
De escutar-te o quanto teus anseios voam,
De fazer-te os gostos que o coração dita,
Pelos lampejos de teus olhos d'água.
À espera, eu fico...
Na discussão finda, de aceitar-me quieto,
De razões cedidas, sem perquirição.
Que não ponhas olhos em tropeços vãos,
Que não julgues meus impulsos toscos,
Mas sejas justa, em consideração,
Relevés com alento um instinto cru.
Que nenhum gesto, em ti, retarde
O amor que supera, um perdão que socorre.
À espera, estou...
Que as horas tardem a reter-te em casa,
Que ninguém reclame teu agir lá fora,
Que o dia avance pra voltares logo,
A tardinha ponha tuas mãos nas minhas
E um mate venha a nos chegar.
Que a noite corra a nos aninhar

No aconchego amigo de lençóis macios.
Espero, então, pelo teu corpo ao meu,
Sinal pleno de um amor infindo
Antigo, ardente, terno, amigo.
Não sabes quanto te esperar me dói...
Mais, il faut attendre!



EMANUEL MEDEIROS VIEIRA

Escritor e funcionário aposentado da Câmara dos Deputados. Reside em Brasília. Formou-se em Direito pela UFRGS (1969), mas não advoga.

FILHO

A faca afiada que não sai: enfiada na pele.

Um rio muito rápido – posso falar assim? – , um rio apressado, como se essa ânsia fosse imanente a ele, e está comigo. Como encosto. Pois o filho já foi embora.

E queria falar do filho e não sei mais. E penso em rio, ilha, mar.

Ele chega, o filho, cedinho, e cresce, e sorri, pego-o lá embaixo no prédio, recomendações da mãe, "o remédio é de quatro em quatro horas", cadernos para desenhar, *batmans*, um olhar tão penetrante, olhos negros, deveres escolares, lápis de cor, toma um suco, o peixe não tem espinhas, ele sorri, depois olha fixo para mim, e parece que sabe de alguma coisa que ficou engasgada como espinha, interditada, bloqueada lá embaixo, travada, e pego um talher, uma colher de arroz para disfarçar, porque parece que ele enxerga lá dentro, ainda está me olhando, sorri de novo, vai fazer cinco anos, tão doce e forte presença, o que é um filho?, não só cabelo, não só a calça já apertada, não só um corpo, a lembrança dos primeiros tempos, as cólicas, as febres, os choros, engatinhando na cozinha, um filho é mais que isso, mas o que é um filho? não sei mais, ou nunca soube, o que é um filho?, e já fui também um filho, e vai embora um dia, todos vão, mas penso nessa hora, agora, nesse domingo à noite, na chuva miúda, na lembrança da roda-gigante, do parque, da pipoca, do algodão-doce, e não consigo responder a mim mesmo, o que é um filho?, um dia teremos algo a dizer para o outro? Ou seremos só silêncio?, Um filho. O que é?

Não sei, em outra estação não estarei aqui, sou muito mais velho, sou um "avô", não, sou um pai.

Desço com o menino, o carro buzina, a mãe, gentil – como a distância deixa-nos enternecidos... –, pergunta se "foi tudo bem". Tudo, respondo. "Até domingo que vem", ela fala. Até.

Tudo é noite, agora. Antes brincamos, eu e o filho, com seus jogos eletrônicos, deixa o picolé cair no chão e acha que vou repreendê-lo, não,

filho, a zoeira da vida na casa (agora vazia, e olho o seu retrato), mas ele vai, vai embora, a mãe o pega, esqueceu um boneco, um outro herói, este de borracha, ficou estendido na sala, são quase nove da noite, o que é um filho?, e quando o carro desapareceu na noite do Planalto Central do Brasil –, onde antes era tudo mato –, sinto como um míssil esse ritual de despedida, aqui ele ficava sempre, não precisava ir embora aos domingos à noite, e não tiro a faca, afiada, uma falta de ar?, só se morre uma vez?, a respiração foi embora?, não, não foi, é só impressão, tento conter o rele sentimentalismo, a travada segunda lágrima (pois tudo está seco em mim), ainda olho o filho acomodando-se no carro, havia me beijado, agora ele abana, o carro passa, escuto ainda um "eu te amo", menos audível, meu pai dizia, os outros pais diziam o mesmo? e lá se vai um filho (que um dia vai ser pai), no domingo acabado, com seus brinquedos, com o seu beijo ainda agora colado em mim, grude, ele vai-se – foi-se. Escuto um ronco de um caminhão. Tudo é pretérito. Tudo é agora.

(No quarto, juntos, ele me perguntou: "Quando a gente morre, vai para onde, pai?" – os justos para o céu, os maus para o inferno, assim me ensinaram, eu olho dentro, bem dentro, dos seus olhos, não sei, filho, eu *sabia: é tudo aqui, filho, o vento, o sol, e o mar, a eternidade é hoje. Mas não falei nada.* Só disse: não sei.)

E o humor? O sol pleno deste belo domingo. A manhã, o pão dado aos pombos na Praça dos Três Poderes; o menino toca na minha boina – que foi de meu pai. Mostro para ele a estátua da Justiça, o branco palácio, as linhas retas do arquiteto, e vamos ao Parque da Cidade, entorneço-me com sua alegria nos carros eletrônicos, nos trens-fantasmas, rimos juntos.

(Enquanto ele anda num carrinho, olho e penso, sem querer ser pomposo ou retórico: a alegria é fugaz, a tristeza duradoura e a morte soberana.

Ou: meus sentimentos são tudo o que eu tenho, filho.)

Acaricio seus cabelos crespos, e em casa leio historinhas para ele (ele tem seus heróis *em inglês*, salvam o mundo, cheios de técnica, e de pilhas e lembro dos meus de antigamente: *Mandrake, Fantasma, Cavaleiro Negro, Flecha Ligeira*), e faço uma recriação amorosa de "Alice no país das maravilhas".

Meu barco me leva até a outro rio: até ao teu sonho, filho.
O que é um filho?, e lembro de João Cabral:
"Esse rio/está na memória/como um cão vivo/dentro de uma sala."



FÁBIO VIEIRA HEERDT

Juiz de Direito. Professor em diversos cursos da área jurídica, publicou poemas em coletâneas, entre as quais a obra *Poetas em alto mar*.

O SALTO DO ANJO

Que cor têm os olhos de um anjo? Ele perguntou isso enquanto ela apanhava uma taça de vinho no balcão.

– Desculpe?! – Era o tempo que ela precisava para poder pensar o que responder.

– Não sei, nunca pensei nisso...

– Pois eu diria que são azuis! Afinal, tudo o que há de mais especial é azul: o mirtilo, a Terra vista do espaço, a Costa Azul, a Mulher Azul de Picasso, até mesmo a safira! Vê?

A cantada impressionou-a. Ela pegou um pouco de ar para responder o que viesse à mente, quando ele tornou à carga:

– Aliás, você sabia que o azul é uma das três cores-luz primárias, resultado da sobreposição dos pigmentos ciano e magenta? Que seu comprimento de onda é da ordem de 455 a 492 nanômetros do espectro de cores visíveis? Puxa, menina, você não sabe disso?

– Onde você aprendeu isso? Na Wikipedia?

– É claro! – ele respondeu. – Onde mais?

E eles riram um riso nervoso e cúmplice.

Naquele momento que os carros moviam-se sem ruído algum e que as vozes do resto da gente compunham apenas um emaranhado de assuntos sem importância para eles, o mundo ficou suspenso por dois segundos; foi o que bastou para que dois raios voassem da pupila dos olhos dela e fossem cravar-lhe a nuca, quando ele se virou para pedir o mesmo vinho que ela bebia. Ela olhou-o com um sorriso terno, manecendo a cabeça. Não havia tempo para observá-lo. Ele não era bonito, tinha um rosto sofrido. Ele ergueu a taça em um brinde e, feito, aproximou-se dela, que, num movimento lânguido, afastou o pega-rapaz, pondo a mecha de cabelo atrás da orelha: "Tu pupila es azul, y cuando ríes, su claridad suave me recuerda el trémulo fulgor de la mañana, que en el mar se refleja. Tu pupila es azul, y cuando lloras, las transparentes lágrimas

en ella se me figuran gotas de rocío sobre una violeta". Agora ela já não sabia que piada fazer:

– Nossa!... Que lindo! Isso também é da Wikipedia?

– Não... É de um cara chamada Gustavo Bécquer, um espanhol. É um poema de 1868.

– E você costuma decorar poesias assim para abordar anjos na rua?

– Não. Só quando as pupilas azuis de alguns anjos choram ou riem para mim, quando sinto que nada mais no mundo tem formosura, perto dessa beleza que dói, machuca, me perturba. Só para esses anjos posso dizer isso. Aliás, você é o primeiro anjo que conheço.

Os carros na rua já não se moviam, nada mais tinha som. Havia as pessoas, mas era como se tivessem sentado numa pedra, num penhasco e, abraçados, resolvessem saltar para uma queda que sabiam seria mortal. Ele era ali todo o perigo que a vida poderia oferecer para ela. Ela não era um anjo de verdade, mas tinha o azul dos olhos capaz de fazer com que ele se enganasse. Ela era o que ele pensava precisar para tornar seu mundo uma vida de paixão. Um coração serenado era o que ele não tinha. Só então, ao beijá-la, depois que ela cerrou os olhos, viu o quanto azul eram os olhos daquele anjo. Abraçaram-se. E saltaram no vazio mortal do penhasco.



GENACÉIA DA SILVA ALBERTON

Desembargadora do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul.

FOLHAS DE OURO

De repente, muito mais que de repente, folhas de ouro caíram sobre as cabeças dos transeuntes. Para alguns, nada significava, retiravam, com ar de nervosismo, as belas folhas que tentavam se manter presas aos casacos e vestidos. Elas queriam enfeitar, mas não lhes era permitido. Cantavam, em sussurro ouvido por poucos.

Porém, alguns, mesmo sem ouvir, sorriam e paravam extasiados a ver o bailar das folhas douradas. Elas continuavam a cair freneticamente, graciosas, alegres. Nem o carrancudo tronco e os fechados galhos daquela árvore presa ao chão conseguiam amedrontar e retirar a leveza das folhas douradas. Mais próximo dava para ver que eram flores que, mesmo despeçadas pelo vento, cumpriam o seu efêmero caminho de beleza.

Enquanto isso, Marta tentava, sofregamente, limpar a calçada. Afinal, era paga para isso, não poderia deixar a calçada suja. E se alguém caísse, ela seria responsabilizada por negligência. Mas, a cada vassourada e esforço de juntar as pequenas pétalas, o vento brejeiro completava o espetáculo, espalhando-as para mais longe. Uma, duas, três, quatro vezes, Marta tentou cumprir seu dever. Cansou... Com a vassoura na mão olhava incrédula e via sem êxito sua tentativa de deixar tudo organizado. A ordem se desconstruía pelo vento incontrolável.

Passou a olhar toda aquela calçada dourada. Imaginou o tapete de ouro que era colocado a seus pés, pés de quem trabalhou muito na vida e não conseguiu ter a alegria de ter tanto ouro à sua disposição. O emprego para ela era o mais importante, pois seria o sustento da família, dinheiro para pagar a passagem para ver o filho internado na Fase, cuidar da filha grávida, da mãe doente. E tudo isso por falta de dinheiro, o ouro de cada dia. Se o tivesse, talvez o filho não teria tentado pegar o tênis de marca do garoto do condomínio, a filha estaria estudando, encontrando prazer na perspectiva de uma profissão, a mãe não precisaria estar aguardando a chamada para fazer exames pelo SUS.

Talvez ela não fosse a única a sentir as agruras do vazio, mas, naquele momento, era a única a ter a seus pés e perceber o tapete dourado. O vento parou, as folhas sossegaram e Marta reiniciou seu trabalho... Não, ela decidiu deixar-se ali por mais algum tempo com as folhas douradas. De Marta passou a ser Maria, sorriu para as folhas, sentiu a mensagem da vida.



GIOVANA FARENZENA

Juíza de Direito no Rio Grande do Sul, Juíza Eleitoral e Diretora do Foro de Canoas.

A CIGARRA E A VIDEIRA

Canta, minha cigarra, canta!
Em qual videira colocaste teu majestoso pouso?
Só na tua voz cântica ouço e ouso
A te procurar, meu amor, meu gigante!

Estás no alto de onde se fazem bons vinhos?
Deixaste o ninho do passarinho?
Para em videiras me encontrar?
Ah! Não paro de te ouvir e te pensar!

Canta, minha cigarra, canta!
Assim posso ir saltitante
Pelos montes, alpes onde se plante
Videiras para o teu pouso constante!

Me canta a te reencontrar!
Pousa tuas asas de cristal no meu folhar
Onde te dei do meu vinho
Pois sem ti, agora, me sinto só e sem caminho

Me empresta uma asa!
Assim, teu voo não será tão distante
E eu poderei ir avante e radiante
E tu pousarás novamente em casa

Canta, minha cigarra, canta!
Uma melodia em sol maior inteira!
Sentirei minhas folhas na tua veia
Harmonia que te permeia e me leva adiante

Sol é minha nota e tua
Para que silencies só na cheia lua
Com teu "nessun dorma"
Melodia que a minha alma adorna

Canta, minha cigarra, canta!
Minha videira sem ti chora lágrimas de vinho
Não pousa aqui nem passarinho
Meu verde não mais será brilhante

Preciso te ouvir, ó sole mio!
Melodias tuas que me tiram do vazio
O cântico da tua forma, cor, semblante
Canta, canta, de novo, canta!

Eu, tua videira, a vida inteira!
Tu, cântico de minhas vinhas!
Vinhas vindo?
Vens?
Em vinhos e vinhedos?

Pousa e canta nos meus dedos!
Porque em DÓ, sem ti, é DOR!
É um RÉ, em MI (m)
Que não FA (z) SOL, nem cor!
LÁ, em SI ... sim!
Se não, DÓ de MI (m)!
Meu SOL maior!
Canta, assim...



GLADIS DE FÁTIMA CANELLES PICCINI

Juíza de Direito no Rio Grande do Sul.

VIAJANDO DE TÁXI

Venho andando de táxi há dois meses. São viagens, na maioria das vezes. Nas outras, apenas um percurso feito com um motorista quase particular, mas estranho, de quem se ouve apenas um bom-dia e até logo.

Meu filho já havia me dito que conversar com motorista de táxi sempre rendia uma boa história. Lembrei disso e passei a ser mais comunicativa. Uma observação daqui, outra dali. Uma resposta interessada (e não apenas sim, hã-hã ou breves muxoxos) atrai a atenção do motorista que, na maioria das vezes, é um bom falante.

Como não seriam, não é? Passando a maior parte do dia dirigindo nesse trânsito caótico, conduzindo pessoas de todos os tipos e humores, só falando para suportar o correr das horas. Caso contrário emudeceriam para sempre ou se tornariam depressivos.

Pois bem. Encontrei um escritor que prepara um livro há dez anos, ocasião em que comprou cem cadernos (esqueci o número de folhas) e prometeu a si mesmo fazer a publicação quando os completasse com suas histórias de vida e de viagens.

Encontrei um que precisou fazer milagre para evitar a colisão com outro motorista apressado e muito se lamentou por não estar com o seu próprio carro. Acaso estivesse, ia "bater mesmo" porque precisa trocar o para-choque.

Outro, certamente, já havia tomado umas biritas antes do fim da tarde, era daquele tipo bem ranzinza, que reclama de tudo. Outro, ainda, em véspera de feriado, contou-me como controla os filhos, inclusive os proibindo de viajar em determinados dias e horários, sob o beneplácito de que na casa dele, ele é o presidente. E manda. Ah, detalhe: os filhos têm 32, 27 e 24 anos.

Escutei histórias jurídicas malsucedidas ou triunfos sobre processos, matéria que vem à tona quando tomo o táxi na saída ou arredores do fórum ou quando carrego processos. Um deles, divorciado há mais de 10

anos, tem, ainda, todo o desenrolar dos fatos na ponta da língua. A mulher, que o deixou por outro de grandes posses, finalmente desistiu de partilhar a única casa que haviam adquirido.

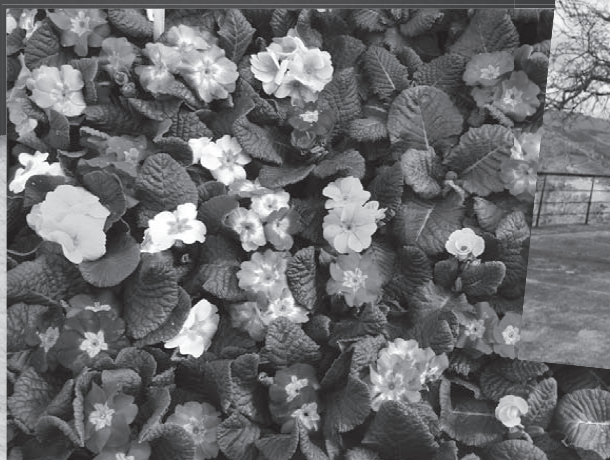
E aquele outro que me contou ter resolvido, excepcionalmente, trabalhar em noite de Carnaval, porém, com escassos fregueses, voltou para casa com parquíssima renda. Chegou e foi bombardeado com perguntas e desconfianças sobre o dinheiro. Cansado do interrogatório da esposa, rasgou as poucas cédulas conseguidas durante a noite e sentenciou: "Nunca mais me pergunte quanto eu ganhei".

Descobri parentes de pessoas conhecidas, e o trajeto foi curto para ouvir toda a história do romance de seus pais. O pai, da Bahia, que acabou por querer conhecer a telefonista que fazia suas ligações para a mãe ao tempo em que a intermediação da telefonista era obrigatória.

E teve, ainda, o arremedo de sedutor, mas com perfume tão exagerado, que duvido consiga conquistar alguém.

Gravei alguns nomes, alguns apelidos. Lembro de algumas fisionomias. Com alguns ri muito, com outros silencieei. De outros me apiedeiei. Outros, ainda, invejei.

Com a maioria, porém, compartilhei.



HERMANN HOMEM DE CARVALHO ROENICK

Desembargador aposentado do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, *in memoriam*.

DEVANEIO NA MADRUGADA

Ouço o canto suave da vida
Quando falas.
Percebo o amor no frenesi
Do teu beijo.
A minha lágrima
Umedece a tua face
E nossos lábios
Sentem a saudade de todos os dias.
Fico pensando...
O vento é companheiro
Triste na noite infinita,
Quando nossos passos se distanciam,
Eu o ouço na janela
Do meu quarto.
Volto no tempo
E vejo que não tenho mais tempo,
Pois o tempo
Não me dá tempo
De ser feliz!

FÍMBRIA DE LUZ

Vida, palco negro da existência!
Ribalta sangrenta
De veludos purpúreos esfarrapados.
Vozes cansadas, amorfas,
Balbuciando suor e sexo.
Ao meio do espetáculo,
De macabro cenário,
Uma leve fímbria de luz,
Tênuê, porém brilhante.
Emudecem os lábios, e
O coração descompassa.
O gesto ensaiado para...
Os olhos esgazeados e paranoicos
Voltam a brilhar como por encanto.
É o amor que penetra
Na rotina do ser.
Vida, palco róseo e ameno da existência!
Ribalta esgorgitante
De veludos rubros adocicados.
.....
Por quanto tempo?



ÍCARO CARVALHO DE BEM OSÓRIO

Desembargador do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul e presidente do Conselho Deliberativo da AJURIS.

A DANÇA DA ALMA NO PALCO DA VIDA

Há coisas que passam ao largo, ao passo que outras assumem alguma magnitude. Todas as vivências têm seus matizes, que toma esta ou aquela coloração a depender de como são encaradas.

Eu sempre soube que teria pela frente experiências diversas, em especial quando alçasse aquele voo desde alhures pretendido e sonhado, indo aos rincões do Rio Grande exercer a judicatura, por onde andei ainda guri, acompanhando meu pai, também magistrado. Por vezes diversas me peguei subindo correndo as escadarias do fórum de Erechim e entrando ofegante no gabinete do Dr. Dédalos de Bem Osório, Juiz da 1ª Vara, tomando assento naquela cadeira que para mim era algo descomunal de grande, mas que me fazia sentir importante, tanto quanto os heróis das histórias em quadrinhos que eu devorava. Tudo era enorme naquele local, mas não maior que a minha decisão de um dia ali sentar de verdade.

E prestes a sentar então de verdade, mirava o mapa rodoviário do Estado tentando adivinhar onde passaria meus próximos anos, que pessoas conheceria, com que dramas pessoais e alheios me depararia, que faria eu para promover a pacificação social através do meu mister, enfim, que relações estabeleceria com a comunidade, não só a jurídica, e com que colegas teria o privilégio de privar.

O ponto alto foi este. Colegas que como eu resolveram vestir a toga; e mais, toga com ares de pilcha, como bons juízes gaúchos. O maior protege o menor, este um dos princípios do escotismo (movimento a que orgulhosamente integrei na minha juventude), que vi a mim servir quando busquei orientações precisas destes colegas ao me defrontar com os dilemas próprios dos juízes neófitos.

Com eles a convivência sempre foi pacífica, respeitosa, emotiva, quiçá transcendental. Rimos e choramos juntos, alguns mais, outros menos, na medida de suas personalidades. Os mais serenos arrefeciam os rompantes dos mais audazes, fazendo-os ver do inadequado espectro que

partiria daquela decisão. Enfim, formávamos um time, que em nome de uma instituição, não admitia perder, conformando-se até com um empate. Saudades imensas de todos.

E foi num desses estalos de saudades, com o olhar no vazio, que me dei conta de que alguns já galgaram outros patamares do mundo espiritual, estando agora a jurisdicionar alguma comarca lá do céu. O João Abílio de Carvalho Rosa e o Milton Varela Dutra, dupla com a qual tive o prazer de conviver na comarca de Frederico Westphalen, no início dos anos noventa. O primeiro Juiz de Direito e o outro Juiz do Trabalho. O João Abílio foi um dos colegas mais cultos que conheci e o Milton um magistrado de escol, orgulhosíssimo da toga. É raro uma cidade pequena com três juizes. Foram os dois protagonistas de um conto, verídico, o primeiro que escrevi para o Caderno de Literatura da Ajuris, o de número 8, com o título de "E veio de vereda...". Foram embora os dois com muita rapidez, quase afoiteza, ousou dizer. Enfim, do trio, só eu ainda me encontro nesta jornada terrena.

Esta constatação, arrepiante, confesso, faz mexer com os sentimentos e com a escala de valores. Faz também compreender quão efêmera é a existência humana. O conhecimento, o estudo, o exercício de poder são aniquilados impiedosamente quando o dia final chega. A alma dança no palco da vida conforme a música que é tocada, ou conforme aquela que teimamos em ouvir. E disso não cabem sequer embargos de declaração, muito menos recurso extraordinário.

Minha homenagem, portanto, a essas duas almas.



JOSÉ CARLOS TEIXEIRA GIORGIS

Desembargador aposentado. Coordenador do Memorial do Judiciário do Rio Grande do Sul.

O ARÚSPICE

– O senhor não é desembargador?

Entrara no centro de compras atrás de prosaico tênis e, quando caminhava para a loja, sou interrompido pela pergunta do simpático cidadão que estorva o passo.

O primeiro sentimento é de orgulho, "puxa, sou conhecido fora de Bagé"; ou "será ele parte em demanda julgada"; ou um velho cliente; quem sabe ex-aluno da constelação de estrelas que ilumina minha existência; ou ouvinte que assistira a palestras; enfim, muitas as interrogações ofuscadas pelo quesito inesperado.

Sim, estufo e respondo, enquanto premia a mão do admirador desconhecido, vendo que se cuidava de indivíduo de aparência veneranda, traje bem cortado, gravata de laço modernoso, a gola obedecia a regras da moda, portanto, figura respeitável.

Não, não houvera sido discípulo; tampouco advogado; nem escutara arenga jurídica ou lera textos outros; definitivamente jamais me vira; habitava uma cidade que, como a minha, mexera na grafia decependo a genética indígena; a surpresa, daí, era completa e impunha aclaramento.

Pois o senhor sabe, confidenciou deglutindo palavras, tenho um carisma (lógico, esse termo não foi dito, mas uso em prol de riqueza ficcional) que permite adivinhar a atividade de qualquer um, é como estalo que ruboriza a mente (insisto em cultivar o estilo), tais como ondas que vêm do mar (um jargão é sempre necessário).

Deixando de lado o fator estético, curioso por enigmas e agouros, estendi o diálogo para explorar o profeta que narrou mais algumas experiências; e para não ficar mal colocado discorri sobre leituras, premonições, experiências e fatos, pois, já que me fora atribuída função proba, também precisava demonstrar cultura geral a fim de não comprometer a instituição ou o apreço do atropelado passante.

E tanto vai, e tanto leva e traz, antes que consumasse o convite para degustar cafezinho ali por perto, que de inopino o alvitrado arúspice, com a frieza de um espadachim florentino, estoca o improviso final: "O senhor me empresta cinco reais?".

Senhores, aparvalhado, abalaram-se as estruturas do império otomano; caíram os muros de Jericó; um archote dizimou os jardins da Babilônia; a hidra de Lerna abocanhou o bezerro de ouro; o mar vermelho abre e por ele correm hititas, celtas e querubins. Em resumo: confusão na grande área.

Não sei se a carência do pedido ou a estupefatação ordenam o gesto. Moralistas, obedeci.



JORGE ADELAR FINATTO

Leitor e poeta. Autor do blog *O Fazedor de Auroras*. Magistrado aposentado.

A BONECA DE TRAPO

Era uma dessas tardes que antecedem o outono em Passo dos Ausentes. O ar outonal nos deixa mais sensíveis diante das mudanças nas cores e das primeiras quedas de folhas. As seivas reúnem a força da natureza. Em dias assim, estar vivo é uma sorte.

Enquanto caminhava na Praça da Ausência, encontrei uma boneca de trapo caída no chão. Era feita de velhos panos coloridos. Os olhos eram dois botões verdes.

Os cabelos, fios de lã repartidos em duas tranças. A boca, um pequeno risco vermelho e sorria.

Apesar de perdida, a boneca não parecia muito triste. Apenas carregava um leve toque de melancolia no semblante, que desapareceu quando a levantei. Acomodei-a no banco da praça, embaixo de um salgueiro, ao lado do lago.

Fui embora, não sem um pouco de dor. No início quis levá-la comigo, dar-lhe um novo lar. Mas desisti ao pensar que quem a perdeu voltaria para buscá-la e seria de cortar o coração não encontrar a sua boneca de trapo.

Viver tem dessas coisas. Nem sempre podemos ter o que nos encanta. Nem sempre, como no outono, a vida se exalta em delicadas mutações. Num dia, o céu azul nos ilumina, nuvens cor-de-rosa, o coração bate harmonioso. Noutra, nuvens escuras, pesadas, se espalham e a gente só pensa bobagem.

A boneca de trapo me lembrou coisas que perdi na vida. Perdi e me conformei. Porque nada, absolutamente nada, nos pertence verdadeiramente nesse mundo.

Tudo que temos é emprestado. Um dia teremos de devolver. Nada é nosso.

Salvo, talvez, o meigo sorriso de uma boneca de trapo.



JOSÉ NEDEL

Bacharel em Letras Clássicas, Filosofia e Direito. Mestre e doutor em Filosofia. Juiz de Direito e professor aposentado. Publicou uma dezena de livros, entre os quais estes mais recentes: *Ética e discurso*, 2006; *A curvatura da razão: poemas*, 2. ed., 2009; *A vez do verso: sonetos*, 2011; *A vez do verso: quadras*, 2012; *Ensaio de filosofia prática*, 2014, além de muitos artigos de filosofia espalhados em obras coletivas, dicionários e revistas.

ÚLTIMA FLORESTA

Do espírito do mal está infestado
O mundo em suas praças e esquinas.
Não sendo com estratégias enfrentado,
Detonará seu arsenal de minas.

Dos velhos tempos vem-nos o recado,
Sem dubiedade, em frases cristalinas:
Se implode o mundo, em peças fraturado,
Mesmo o impávido, esmagam-no as ruínas*.

O sábio em tempo adverte e manifesta
A quem a fúria iconoclasta exalta,
Sua mensagem que é, em termos, esta:

Não destruas das coisas o que resta,
Antes constrói a parte que lhes falta,
Nem derrubes a última floresta.

* *Si fractus illabatur orbis, impavidum ferient ruinae* – "Se o mundo despedaçado desmoronar, as ruínas ferirão [inclusive] o [mais] destemido." (Horácio, *Carmina*, III, I, 1).



LIGIA LACERDA

Professora aposentada, com vários prêmios em concursos literários e trabalhos publicados em jornais, revistas e coletâneas. Publicou em 2009 o livro *Percurso*.

A BARCA DE CARONTE

Hoje sinto que o mar, meu velho amigo mar, não é o mesmo.

Já não ouço o doce marulhar das ondas na areia...

Inesperadamente, em violento frenesi de águas revoltas, assustadoramente escuras, transforma-se, ante meus olhos espantados, em Aqueronte, o rio das almas.

Atordoada, contemplo o espetáculo que, sempre soube, deveria um dia enfrentar.

O vento, no emaranhado das águas, parece espalhar no ar o som de um lamento.

A praia está deserta e paira no ar um estranho nevoeiro.

Em meio à escuridão, percebo, ao longe, aproximando-se, lentamente, o vulto do indesejável navegador: é Caronte, que vem cumprir mais uma missão. Apesar do medo, pareço despertar da letargia em que vivia e sinto, novamente, à flor da pele, emoções vividas ou reprimidas por uma vida inteira.

É hora da verdade: nada mais posso esconder.

No entanto, ironicamente, estou só, não há ninguém para testemunhar tardias confissões.

Estranhamente já não sinto medo.

Sei que, de alguma forma, será uma viagem libertadora.

Não é hora para lamentações ou remorsos, que para isso houve uma vida inteira.

Olho ao meu redor e nada me emociona na despedida.

Estou em paz.

Tranquilamente dou o passo final, aquele que me coloca dentro da barca.

Em terra, mais além da praia, o pensamento é um só: "Quem terá sido o passageiro de hoje?".



LUIZ ANTONIO CORTE REAL

Magistrado aposentado. Ex-professor da Faculdade de Direito da PUCRS. Bacharelado em Filosofia na PUCRS.

SER JUIZ

Ser Juiz é ter coragem
É ser batalhador
Na Justiça acreditar
Abraçá-la com amor

Ser Juiz é ser trabalho
Suor fadiga até dor
Com o bem ter compromisso
À verdade dar valor

Ser Juiz é ser escravo
Da Justiça e do dever
É ser forte é ser bravo
Sem deixar-se corromper

Homem firme e sereno
Nas decisões que constrói
No amparo ao pequeno
Injustiças ele as destrói

É ele o escolhido
Para a ordem garantir
Sem que possa ser tolhido
Na missão de decidir

A balança da Justiça
É seu rumo sua cor
Luta sempre sem cobiça
Sempre firme com ardor

Ser juiz é abraçar
A bandeira da Justiça
Decidido a aplacar
Os excessos de uma liça

No Juiz estão contidas
Virtudes em profusões
Sabe espancar as feridas
É humano nas decisões

No Juiz se pode ver
Equilíbrio e compreensão
Quando lança uma sentença
Vive ele uma paixão



MAFALDA DOS SANTOS

Autora de quatro livros de poesia. Participa de coletâneas da AJURIS e da AJEB – Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil.

DESPIDA DO TEU OLHAR

Perdi o medo
De navegar
No rio bravo do teu olhar

Não sei se é rio
Ou se é mar
Esse arrepio
Que é teu olhar

Não é mais segredo
Eu te amar
Pois me descobres
No teu olhar

Esse teu brinquedo
De me buscar
Mostra que podes
Também me amar
No teu olhar

NAUFRÁGIO

Eu estou cansada
De sentir a tristeza
De ficar extasiada
Com a difícil pureza...
Eu já estou enfarada
Com o amor decantado
Do teu sorriso engasgado
Do teu tempo emperrado
Onde o cotidiano tem vez...
Eu estou é faminta
Do teu grito feroz
Tua vileza atroz
Teu amor selvagem
Da tua saudade...
Da tua paixão que me agita
E deste amor
Que me faz sentir
Maldita...



MARCIA KERN

Juíza de Direito e mestre em literatura brasileira.

RAROS LEITORES

Ah, essas mulheres que escrevem!

Só escrevem, assim, como querem, o que sentem que deva ser dito, quando sabem que ninguém está olhando.

Mas quando elas descobrem que esse olhar tão delicado, que, assim, as deixaria em pelo, é muito raro, raríssimo, elas vão perdendo o medo, soltando a mão e escrevendo por tudo o que encontram.



MARIA BERENICE DIAS

Desembargadora aposentada do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. Advogada. Presidenta da Comissão da Diversidade Sexual do Conselho Federal da OAB. Vice-Presidenta Nacional do IBDFAM.

TRIBUTO AO MEU PAI: DESEMBARGADOR CESAR DIAS FILHO

É a primeira vez que tenho o privilégio de participar do Caderno de Literatura, bela publicação da Ajuris, que visa resgatar a humanidade dos magistrados. Afinal, mostrar o que sente e pensa um juiz, sem sua toga, permite que todos percebam sua sensibilidade e entendam um pouco sua alma.

Fiquei tão emocionada com o convite que meu irmão mais velho, Cesar Antônio Dias, lembrou o episódio ocorrido por ocasião do concurso do pai ao cargo de Juiz de Direito, o qual está publicado nesta edição, com o título "Por uma caneta tinteiro".

Bem, acabei estendendo o convite à minha filha, Denise Dias Freire, quarta geração de magistrado de nossa família. Além de ser filha de dois desembargadores, também é neta e bisneta de quem ocupou o mesmo cargo: meu avô, Cesar Dias, e meu pai, Cesar Dias Filho.

A ele, a meu pai, quero prestar esta singela homenagem, quando já decorridos cem anos de seu nascimento.

Gostaria de destacar o papel que desempenhou junto à nossa Associação de Juízes quando exerceu sua presidência.

Recorda-se meu irmão que o jornal Última Hora havia feito uma bela reportagem sobre uma área de terras que estava à venda, na beira do Rio Guaíba, na qual existia uma centenária figueira.

Para o que, à época era quase uma viagem, meu pai foi acompanhado de seu colega e amigo José Silva, de minha mãe e de meu irmão. Lá chegando, admirados com a grandeza e beleza do local, meu pai cheio de satisfação e alegria disse: "Este é o local que estamos procurando. Vai ser aqui!".

E foi assim adquirida a nossa sede campestre, nos idos de 1963.

Outra iniciativa dele foi dar início ao projeto de assegurar moradia aos juízes do interior do Estado, por considerar ser responsabilidade da Associação garantir aos magistrados o direito de morar com dignidade.

Isso porque eram grandes as dificuldades por que muitos passavam quando da peregrinação pelo primeiro grau. Em Jaguarão, inclusive, meu pai residiu no prédio do fórum, sendo que meu irmão dormia no interior da mesa do Salão do Júri. Em dia de julgamento precisava acordar mais cedo, pois sua cama tinha que ser retirada do local.

A partir daí foi constituído um grande acervo imobiliário: construídas ou adquiridas casas e até edifícios em muitas comarcas do Interior.

Mas eu queria mesmo era falar um pouco sobre o que me levou a seguir os passos de meu pai, um homem com tanto idealismo.

Para isso é necessário contar um pouco da nossa história. Éramos o modelo de uma família convencional. Um pai provedor e sua esposa dedicada ao cuidado do marido, de cinco filhos e aos afazeres domésticos.

Com todos estes encargos, não é possível aceitar que mulheres sejam rotuladas como "do lar", pelo simples fato de não exercerem atividade remunerada. Até parece que estas múltiplas tarefas não têm qualquer valor econômico.

Mas voltando à minha família e abandonando o discurso feminista.

Claro que à época, nas modestas instalações dos fóruns, não existiam gabinetes para os juizes. Eles precisavam trabalhar em casa. No entanto, a nossa família era grande e o salário pequeno, não havendo espaço para se ter uma casa com um escritório. Como acomodar todos? A lembrança que tenho é de um apartamento em que meus dois irmãos dormiam na sala, em dois sofás-camas. Eu e minha irmã mais velha, em um pequeno quarto com duas camas e um armário de quatro portas, que acomodava as roupas das três filhas. O outro quarto era o do casal. No maior deles ficava o escritório, onde, em outro sofá, dormia minha irmã caçula.

Como o meu pai trabalhava até tarde da noite, quando ia dormir levava minha irmã para a cama no colo, isso quando ela não reclamava e ficava dormindo no meio do casal.

Quando ele chegava do fórum ou do Tribunal lá se encerrava. Tanto que no resto da casa não havia um lugar que se pudesse identificar como sendo onde ele costumasse permanecer.

Depois do jantar – na época não existia televisão –, sempre havia um processo para o qual precisava encontrar uma solução. E lá voltava ele para o escritório.

Todos iam dormir, mas tantas e quantas vezes enxergava, noite afora, a nesga de luz por baixo da porta. Destas madrugadas é que me veio a certeza de que queria ser juíza. Sabia que lá estava o meu pai, preocupado em fazer justiça.

Essa foi a imagem que marcou toda a minha vida.

Mas, à época, o destino das jovens já estava traçado. Destinadas ao casamento, só podiam abraçar o magistério e cursar a chamada Escola Normal. Era o único trabalho que a mulher podia exercer fora do lar, sem comprometer sua atividade principal: o cuidado para com a família. Afinal, professoras trabalhavam meio expediente, tinham férias prolongadas e conviviam somente com outras mulheres e com crianças.

Para usar uma expressão da época, "trabalhavam para pagar os próprios alfinetes". Daí a baixa remuneração que recebem até hoje, apesar de todas as mudanças ocorridas.

Assim lá fui eu seguir o meu destino. Mas, ver noite após noite uma nesga de luz sob a porta do escritório do meu pai, sua ânsia pela justiça, o seu semblante carregado, às vezes por dias, e o enorme alívio com que dizia, esfregando as mãos, ter encontrado a solução, enchia-me de encantamento e admiração. O brilho do seu olhar de pura satisfação foi o me levou a querer seguir os seus passos.

Ele chorou quando revelei o meu sonho. Acompanhou toda a minha faculdade, mas morreu seis meses antes de ver sua única filha formar-se em Direito. Uma mágoa que me acompanha até hoje.

Há mais um fato da vida de meu pai digno de nota. À época as mulheres requeriam inscrição no concurso para Juiz de Direito, mas sistematicamente todos os pedidos eram rejeitados. Tratava-se de um direito potestativo do Tribunal Pleno de não homologar a inscrição de qualquer candidato sem ter que dar alguma justificativa.

Meu pai publicamente era a favor do ingresso das mulheres na magistratura. E, só depois de eu ter logrado aprovação soube, pelo Desembargador Emílio Gischkow, que, depois de cada votação em que eram recusadas as inscrições das mulheres ele costumava dizer: "Pode deixar, é a minha filha que vai ser a primeira juíza do Rio Grande do Sul".

E ele não ter visto este meu desejo, que se tornou em um sonho dele, transformar-se em realidade ainda é minha maior frustração.

Cesar Dias Filho morreu com 62 anos, em pleno exercício de sua tão gratificante atividade funcional.

Foi velado no Pleno do Tribunal de Justiça, local ao qual só retornei para prestar as provas orais para ingressar na carreira que ele sempre honrou e amou.

Procurei seguir os seus passos, sem nunca ter conseguido atingir o seu brilho. Mas, tal qual ele, amei a magistratura, dediquei a ela 35 anos, sempre guiada pela luz sob a porta e que sinalizava o seu desejo de fazer justiça.

Agora integra o nosso Poder Judiciário a minha filha Denise e eu não podia deixar de prestar ao meu pai, Cesar Dias Filho, esta singela homenagem em tão expressiva publicação – os Cadernos de Literatura da Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul.



NEI PIRES MITIDIERO

Juiz de Direito aposentado. Advogado e escritor. Autor de *Comentários ao Código de Trânsito Brasileiro – Direito de trânsito* e *Direito administrativo de trânsito* e *Crimes de trânsito e crimes de circulação extratrânsito*.

PASSAGEM DAS CRIATURAS

Da janela superior do antigo sobrado, Silvana e eu espreitávamos a passagem das criaturas. Sabíamos em vão. Todos sabiam na pequena Praia Grande encravada no sopé da serra do Faxinal.

Mas também sabiam que, em incertas madrugadas, as enormes criaturas roçavam pesadamente as pedras chumbo-escuro das ruas da cidadezinha e se iam em direção ao rio Mampituba. Eram as noites assombradas do povoado dos cânions. Nelas, o misterioso cortejo percorria as ruelas e se estendia pela grande praia de areia ocre do rio.

Era o enigma que intrigava os moradores do lugarejo. Não se sabia o que ou quem eram, de onde vinham e para onde iam os passageiros da noite. Que passavam pela cidade e se lançavam nas águas do Mampituba todos sabiam. Os rastros do roçado no basalto das ruas, os enormes sulcos na areia da praia, que sumiam na água limpa do rio, contavam parte do segredo dos visitantes noturnos.

Convivia-se com o mistério. As incertas visitas, o resfolegar noturno, o roçado, os sulcos na areia faziam parte do lugar. E por mais que espreitassem as horas mortas das ruelas, os nativos não conseguiam saber quem eram os visitantes das noites escuras do vilarejo.

Pela serra do Faxinal afora buscavam os desconhecidos. Pelos desfiladeiros mais profundos, grotões mais distantes, cavernas mais fundas e escuras... e nada deles!

Tudo era invenção, só para atrair a atenção para a Praia Grande, diziam, lá embaixo, no Passo de Torres e em Torres, cidades separadas pelo Mampituba e abraçadas pelo mar. Lá, ninguém acreditava naquelas histórias fantasiosas do povo da montanha. Faziam piadas, debochavam.

Estamos em Torres. Silvana não passava semana sem descer até a praia.

Sentados na rua, de frente para o rio, no Piratuba, famoso pelas casquinhas de siri gratinadas. E a noite *devagarinho* juntava-se às águas do

Mampituba. As luzes amarelas dos postes ribeirinhos do Passo de Torres adentravam as vagas azul-celeste do rio e serpenteavam. No lusco-fusco e no brilho dourado das vagas eram almas luzidias cor de fogo de serpentes as que buscavam a nossa margem. Eram sim serpentes douradas as que se aproximavam, divagávamos.

Para o lado da nascente e da Serra do Mar, os barcos dos pescadores iam e viam. Outros ancoravam do lado de lá. Via-se o casario baixo, com os telhados de barro ora claros ora escuros do Passo. O arco cinzento da ponte contrastava o azul do céu e o verde do rio. Algumas casas se iluminavam, os restaurantes da beira catarinense do rio abriam suas portas.

No do Peruano, uma menina quíchua botava toalhas brancas sobre as mesas da rua.

Lá em cima, onde o rio nasce, estendia-se a serra do Faxinal. Vislumbravam-se os contornos e contrafortes rochosos cinza-claros, ferrosos ou esbranquiçados que escondiam tantas furnas e cavernas e, quem sabe, o ninho das criaturas da noite da Praia Grande.

Para o lado do mar, perto do Piratuba, a corrente do rio rebatia a água salgada revolta, que cismava em empurrar o Mampituba para trás. As gaivotas sobrevoavam o encontro das águas. Volta e meia pousavam nas pedras marginais ou na água. E de novo alçavam voos. Os botos espiavam os pescadores. Num zás, as tarrafas se abriam e afundavam lá no finzinho do rio.

No Piratuba, os garçons iam e vinham quase que invisíveis aos olhos de todos, que se voltavam para a margem do rio.

Dali, as grandes serpentes de luz amarela se despegavam e deslizavam pela calçada e logo passavam por cima das toalhas brancas das mesas da rua, infiltravam-se pela porta e janelas, tomavam o interior, subiam e se perdiam nas últimas paredes.

Lá fora, numa inesperada e lúgubre calmaria, o Mampituba vaguejava manso. Era quase um espelho d'água das estrelas e da lua do passo do rio.

Foi então que, lá no Passo, os corpanzís negros das grandes cobras da lagoa Escura dela saiam, rastejavam pesadamente pelo asfalto da rua

entre a lagoa e o rio e – os olhos grandes azulados cintilantes – mergulhavam nos focos de luz amarela que se encapelavam e serpenteavam na frouxidão das vagas do Mampituba.

Agora não eram mais as almas luzidias das serpentes que se aproximavam. Eram elas mesmas, as grandes cobras d'água negras que chegavam do nosso lado do rio e, curiosas, nos fitavam. Os brilhantes olhos de cristal azulados nos encantavam e hipnotizavam. Foi apenas um instante de torpor mágico o que se deu e já elas seguiam serpenteando por cima do Mampituba, cavalgavam as ondas do encontro das águas e desapareciam no mar azulado de Torres.

Fora um momento único o das grandes serpentes nadando para o mar e, ali, extasiados, Silvana e eu voltávamos ao passado. De novo, entrávamos na grande caverna do Faxinal da infância. Nela, adentrávamos cada vez mais.

E, lá no fundo, mal e mal alumiados por algumas frestas do grotão, víamos pela primeira vez os notívagos e grandes olhos azulados cintilantes dos passageiros da noite emergirem da água mansa e escura do lago incrustado na solidão das entranhas do morro do Faxinal.



NEWTON FABRÍCIO

Desembargador, autor do livro *Peleando contra o Poder* e editor do site www.peleando.net. Participou das coletâneas de contos *104 que contam* e *A descoberta da cidade - Memórias em Porto Alegre*.

MULHERES

Elas nos trouxeram ao mundo.

Elas nos deram carinho, amor e proteção e, talvez, tenham nos livrado de alguma merecida palmada, nos tempos de piá.

Deram-nos conselhos, exemplos e nos ensinaram a estudar.

Mas nós crescemos – e as deixamos meio de lado.

E vieram outras.

As que aquecem a nossa cama, a nossa alma, a nossa vida.

As que nos deram filhos.

As que nos amam e nos perdoam (e que, às vezes, também nos atazanam: quando dirigimos, por exemplo. Mas, tudo bem: afinal, se elas querem um mundo sempre em ordem, como poderiam se manter em paz no caos do trânsito?).

As que abrandam os nossos rústicos sentimentos e incendeiam as nossas paixões.

As que um dia nós fizemos chorar.

As que, com uma única lágrima, torturaram o nosso coração e a nossa alma de puro remorso e arrependimento.

As que nos fazem, enfim, felizes e plenos de vida.

Mas outras virão, ainda.

As que um dia nos darão netos e bisnetos, na vida que se renova, porque assim é e será.

E todas elas, que nos acompanham na trajetória da vida, um dia chorarão quando, bem velhinhos, partirmos para outra caminhada.

E vão rezar por nós.

Como a primeira da nossa vida nos ensinou a orar e a acreditar que existe um Deus.

A todas elas, o nosso respeito, o nosso reconhecimento, a nossa (e) terna gratidão por nos ensinar a amar – com um grande e forte abraço e com o afetuoso agradecimento que todas merecem.

MEU PAI?

Quem é esse homem,
que não sabe quem sou?

Quem é esse homem
que não sabe quem é?

Quem é esse homem,
que me chama de Pai?
Quem é esse homem,
que diz ser meu filho?

Eu te olho, meu Pai.
Eu me vejo em ti.
Eu sou teu filho.
Eu cuido de ti.

Tu és meu filho?
Não lembro de ti.
Tu aqui vens,
mas não lembro de ti.

Tu me criaste.
Com a minha mãe,
me geraste.
Esqueceste-te de mim?

Teus olhos tristes
lembram de mim.
A vida parte,
lembra de mim.

Tu partes,
mas ficas em mim.
Lembra que a
vida é sem fim.

Sou teu Pai,
Meu filho.
Ando esquecido
de mim.

Tu te esqueces
de ti.
Mas ficarás
No meu nome
e no filho que
trago de mim.

No meu neto
te reconheço:
a ti e a mim.
Parto em paz.
Não chores por mim.



ROSA MARIA WEBER

Ministra do Supremo Tribunal Federal.

RECAÍDA

Mais uma vez
no refugio do tempo
retornar ao caminho
habitar tua pele
povoar-te o sonho
– lembrança insculpida
no dorso da noite

Mais uma vez
(só mais uma vez)
subtrair-te a palavra
e reescrever o poema

RECORTE

Parte de mim
naquela cena esmaecida
presa em pontos
e nós
nem um gesto
expressão
ou movimento
mãos caídas
queixo imóvel
vazio no olhar
ao vazio olhar
sem alívio
ou agonia
só ali
ali
e só



ROSANA BROGLIO GARBIN

Juíza de Direito, integrante do Departamento Cultural da AJURIS.

AJUDAR OS OUTROS

Apreendi que nada nem ninguém muda o outro. Só a própria pessoa é que pode trilhar o seu caminho, crescer, amadurecer e mudar. Mas ainda acredito que alguma coisa ou alguém pode instigar o outro a querer mudar.

A Ana veio até mim, na primeira vez, depois de uma discussão com o marido. Tinha um roxo no braço que não parecia ser muito sério. O abalo emocional, sem sombra de dúvidas, deixava marcas mais intensas. Relatou que estava casada havia quatro meses e que não reconheceu no homem que chegou em casa, furioso pela comida não estar pronta, aquele Paulo gentil e amoroso que a pediu em casamento, cercando-a de atenção e mimos. Alguma coisa muito diferente deve ter acontecido, mas ele não quis conversa. Ela ficou assustada e achou melhor não tocar mais no assunto. Veio apenas para desabafar, pois precisava conversar com alguém.

Eu não tinha grande experiência profissional. Era o meu primeiro trabalho como assistente social. E, em menos de um mês, descobri que também tinha pouca experiência de vida. Cresci numa família com conflitos que não chegavam aos pés dos que aparecem por aqui, nessa comunidade carente de recursos materiais e pessoais.

Claro, achei que poderia ajudar a Ana. Propus chamarmos o Paulo para conversar. Ana demonstrou, então, todo o medo que tinha dele. Disse que ele nem sequer poderia saber que ela tinha contado isso para alguém. Chamá-lo para conversar estava completamente fora de questão.

Não era do meu feitio apenas ouvir. Sempre queria consertar as coisas. Minha colega, já mais calejada, me falou da importância de ouvir os problemas daquelas pessoas e que, às vezes, era apenas isso que elas queriam: ter alguém para quem contar. Sendo assim, tinha feito o meu trabalho ao ouvir a Ana. Ela saiu mais tranquila e confiante de que tinha sido um ato único.

Duas semanas depois, Ana estava de volta. Agora com um hematoma grande em seu olho direito, mais abatida e bastante angustiada.

O marido, cada vez mais agressivo, no dia anterior e sem nenhum motivo, a agarrou pelo braço e bateu no rosto dela.

Aos poucos, Ana foi lembrando algumas situações, durante o breve namoro, que havia desconsiderado. Situações de agressividade contida de Paulo. Certa vez, combinaram de sair e ela chegou tarde do trabalho. Estava cansada e ponderou que o melhor seria ficar em casa, pois já estava muito tarde. Ele ficou muito irritado, deu um murro na parede da sala e ficou com a mão dolorida por uma semana, de tão forte que tinha sido o soco. Foi embora sem falar com ela. No dia seguinte, ligou como se nada tivesse acontecido e a acompanhou até o trabalho. Não tocaram no assunto.

Orientei que ela precisava se impor e não permitir essas agressões, que começavam a se repetir. Ana concordava comigo e saía das conversas motivada e pronta para agir. Mas, com cada vez mais frequência, aparecia para relatar outra agressão, até se tornarem diárias. Em uma visita, contou que estava grávida e que não teve coragem de falar para o marido.

Fiquei muito preocupada com a criança que estava por vir. Tentei fazê-la enxergar o quanto era preciso resolver a situação antes que o filho nascesse. Mesmo sendo uma mulher batalhadora que trabalhava fora, capaz de se sustentar, ficava evidente que não conseguia se impor diante o marido. O medo que Ana sentia de Paulo não tinha como ser explicado. Era medo, estava sempre presente, e a paralisava. Ponderei que a notícia do filho poderia ser um motivo a mais para Paulo mudar.

Depois disso, Ana ficou algum tempo sem aparecer. Quando voltou, estava transtornada. Tinha perdido a criança em razão de uma agressão de Paulo. Contou que, meses antes, falou da gravidez. Ele ficou tão contente que pediu desculpas por tudo que tinha feito a ela. Ela se encheu de esperança, acreditando que o filho que ele tanto queria poderia mudar a vida deles. Mas, mesmo querendo essa criança, Paulo não conseguia conter sua agressividade. Logo após Ana perder o bebê, Paulo ficou inconsolável, mas, uma semana depois, passou toda a sua frustração para as costas da esposa, culpando-a por ser tão magrinha e por não conseguir cuidar bem do filho que levava na barriga. Passou a chegar cada vez mais tarde

em casa, e Ana tinha certeza de que ele a estava traindo com a filha da vizinha, que mora três casas abaixo.

Na conversa seguinte, percebi que Ana assimilou a culpa pela perda do bebê e achava que esse era o motivo do fim de seu casamento. Tentei ser racional e reafirmar os reais problemas do relacionamento, mas os sentimentos a impediam de ver a verdade. Não conseguia ver que Paulo será sempre esse homem violento que ela relata, com ela própria ou com a filha da vizinha. Ana só via que a filha da vizinha está com o homem maravilhoso com o qual ela sonha e ela com o homem violento que ele se tornou.

Sentia-me impotente. Não conseguia encontrar uma maneira de ajudá-la. Era tudo tão evidente que não entendia como ela não conseguia ver a pessoa agressiva que Paulo sempre foi e que sempre será. Ela falava de amor, mas eu só via o medo. Ela falava de felicidade, mas eu só via a tristeza. A frequência com que Ana passou a me procurar evidenciava os problemas que ela vinha enfrentando.

Minha colega já tinha me advertido que eu estava querendo fazer mais do que devia. Mas eu considerava que podia salvar Ana, ou seja, fazê-la sair desse casamento que era a sua ruína.

Contudo, a vida andou mais rápida. Foi Paulo que largou Ana para ficar com a filha da vizinha. Ana estava inconsolável. Acreditava que toda a culpa era sua e, é claro, minha também, por não tê-la ajudado a segurar o marido. Não apareceu mais para conversar comigo.

Eu sigo o meu trabalho nessa comunidade. Minha colega diz que não aprendi a lição, pois agora estou envolvida com os problemas da Cláudia. Ainda muito nova e sem experiência de vida, iniciou um relacionamento e agora, Cesar, seu companheiro, começou a agredi-la. O mesmo medo, as mesmas culpas que via em Ana estão presentes, mas eu sigo firme na tentativa de mostrar que o problema é o marido e não ela. O que aprendi foi ir com mais calma, pois vi que, ao ser muito firme, Ana não apareceu mais. Além de não resolver o problema, também fiz com que ela perdesse o contato com alguém que a ouvia.

Mas, também, no meu trabalho, tenho surpresas. Ao abrir a porta, me deparo com Ana. Já se passaram oito meses desde a última vez que a vi. Está com uma ótima aparência. Convido-a para entrar na sala, me sentindo confortada em vê-la bem. Meu entusiasmo fica maior ao ouvir que veio apenas me agradecer por tê-la ouvido durante aquele tempo todo. Relatou que está melhor e já consegue ver as coisas com mais clareza. Penso que meu esforço não foi em vão e que, de alguma forma, consegui ajudar Ana a vencer aquela etapa da vida.

Na saída, um tanto constrangida, mas sem conseguir evitar, ela me pergunta: "O que Cláudia, a nova mulher do Paulo Cesar, está fazendo lá fora?".



ROSANE MICHELS

Juíza de Direito no Rio Grande do Sul.

REENCONTRO

Voltar aos bancos escolares, na maturidade, gerou em Maria Clara um misto de ansiedade e insegurança.

Até o primeiro dia de aula, a espera foi exaustiva.

Que tipo de roupa vestir? Usar ou não maquiagem?

Devo comprar "pasta"? Ainda se fala "estojo"?

– Melhor perguntar para minha neta.

Optou por um estilo clássico: terninho e pouca maquiagem, mas sem descer do salto. Rejuvenesce e sempre cai bem!

Camuflados no fundo da bolsa, um caderno, caneta, lápis e borracha.

A incerteza não lhe havia assolado tanto a alma, ainda criança, ao ingressar no 1º ano escolar.

Não contaria com a mão firme da mãe a conduzi-la até o pátio da escola.

Quanta saudade!

Veio à lembrança o cheiro da pasta, feita em couro, que uma tia lhe deu de presente e acompanhou-a até o quinto ano do primário. Só trocou ao entrar para o ginásio, porque se tornou pequena para tantos livros.

O tempo passou, a vida mudou, as pessoas se foram...

Ofegante, após subir vários degraus, conseguiu chegar à porta de sua aula. Ao entrar na sala, deparou-se com o professor, um homem grisalho, sorridente, com olhos vivazes, que lhe deu as boas-vindas e, com surpresa, falou: "Que estranho, ao te olhar, tive um *déjà vu*".

Reconheceu no professor um antigo colega do Clássico, que se destacava por sua privilegiada inteligência e grande admiração pelas artes.

Porém, em sua memória, o registro mais intenso daquele convívio é o do toque da mão dele sobre a sua, quando juntos folheavam um livro.

Inesquecível!

Um estranho tremor nunca antes sentido, a olhos vistos, percorreu todo o seu corpo, estagnando seus movimentos por minutos infundáveis. O rosto dele enrubescou. As reações paralisaram. Os olhos penetraram um no outro, desvelando desejos.

– Como pode me esquecer? Devo estar muito envelhecida para não ter me reconhecido – pensou.

Aquele momento ansiava por uma continuidade, toda uma vida.

Nem percebeu a larga aliança que ele ostentava no dedo. Nada a intimidaria desta vez.

Se o destino havia preparado esse reencontro, não seria algumas rugas no rosto que a fariam desperdiçá-lo.

Com as pernas trôpegas, sentou-se na primeira cadeira vaga, cruzou-as, jogou a bolsa sobre o braço de apoio, e, com o coração quase saindo pela boca, respondeu: – Tive a mesma impressão.



**JOAL
TEITELBAUM**[®]

ESCRITÓRIO DE ENGENHARIA

Uma empresa de classe mundial.



ISBN 978-85-99620-04-5



9 788599 620045